

# Albânia resiste

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

## A Classe Operária



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO A66 — VI FASE — Nº 47 — 20 DE JULHO A 2 DE AGOSTO DE 1990

CR\$ 45,00

PA-AM-RO-AC CR\$ 65,00

Cerca de 150 mil pessoas, convocadas pela PTA, manifestaram dia 14 em Tirana o inequívoco apoio do povo ao regime socialista da Albânia, colocando um ponto final à chamada "crise das embaixadas". A mobilização se restringiu à capital, de 240 mil habitantes, o que realça sua grandeza e marca a diferença radical entre o processo e as mudanças em curso no país e o Leste europeu. Leia o pronunciamento de Ramiz Alia, nota do PCdoB e artigos a respeito nas páginas 8, 9 e 10.

## Do PCdoB ao PTA

Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia

Congratulamo-nos com o PTA e seus dirigentes, à frente o camarada Ramiz Alia, com o heróico povo albanês pelo êxito alcançado na luta contra os inimigos externos e internos que tentaram, no caso dos asilados em embaixadas estrangeiras, solapar o sistema socialista na Albânia.

A solução correta desse problema demonstra que o governo e o povo estão vigilantes e decididos a rechaçar a ofensiva anticomunista do imperialismo e do social-imperialismo russo dirigida contra o movimento revolucionário, democrático e progressista em todo o mundo.

A defesa da Albânia socialista faz parte da luta mundial contra os piores inimigos da humanidade que realizam verdadeira cruzada obscurantista e reacionária visando impor seu completo e cruel domínio sobre todos os povos.

Recebam, camaradas albaneses, nossa solidariedade e apoio político.

Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

**"Povo grande do Sul" se une para eleger Collares governador**

Em entrevista exclusiva o candidato da Frente Progressista Gaúcha fala de sua plataforma de governo e critica as forças que dividem a oposição gaúcha.



### CDM

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

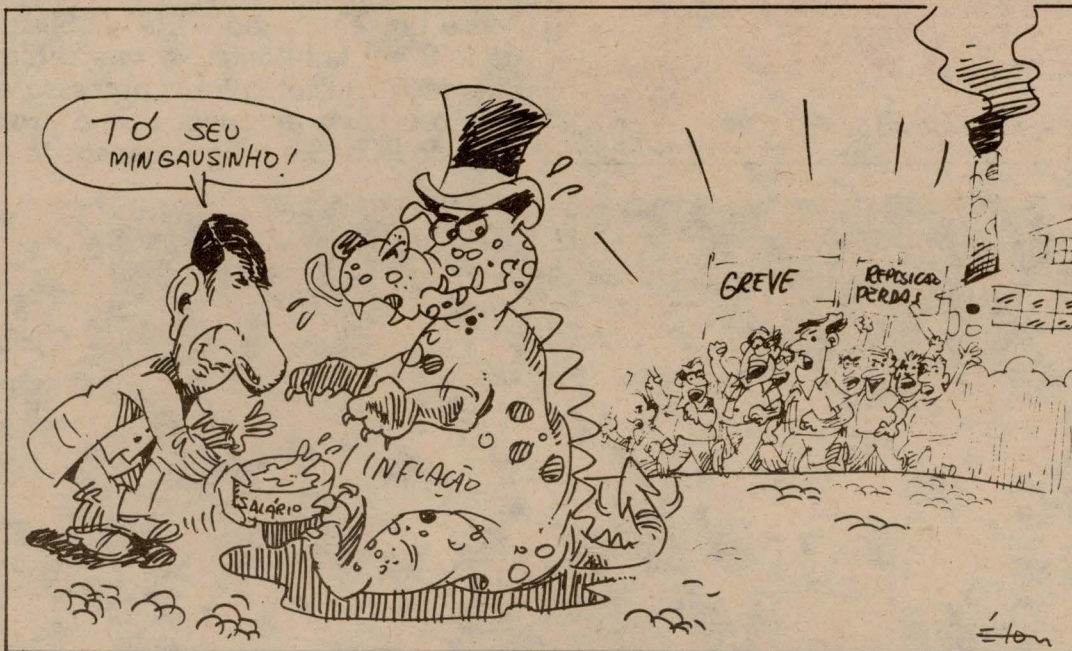
# EDITORIAL

## Uma batalha de envergadura

A campanha eleitoral que começa a se intensificar vai evidenciando alguns aspectos importantes do quadro político nacional que precisam ser bem compreendidos pelas forças democráticas e populares, a fim de melhor se situarem e obterem resultados favoráveis na batalha.

Dois traços marcam a atuação do governo e das forças conservadoras na campanha em curso. De um lado, há uma visível tentativa de amornar o embate, reduzindo o alcance político da disputa pelo voto popular. A burguesia procura impor seu estilo de campanha, concentrando-a no horário eleitoral gratuito — que favorece os grandes partidos conservadores — e em milionária propaganda, à base do poder econômico.

De outro lado, o governo federal proclama seu distanciamento em relação à disputa, ao passo que notórios direitistas, de uma ou outra forma alinhados com o Planalto, lançam na imprensa “balões de ensaio”, super-dimensionando discrepâncias com Collor. O objetivo é evidente. O governo necessita, uma vez que não possui base partidária sólida, manipular seus cordéis em várias direções e fazer, estado a estado, composições com diversas agremiações, no espectro que vai do centro à direita. Os candidatos conservadores, por seu turno, en-



nam divergências com Collor para conquistar maior poder de barganha na obtenção de favores e a fim de se resguardarem do crescente desgate que o governo federal sofre junto à opinião pública.

O eleitorado brasileiro precisa tomar consciência de que as eleições parlamentares e governamentais deste ano ocorrem em meio a graves ameaças que pairam sobre o País. A lei salarial, recentemente aprovada pelo Congresso, sofre o bombardeio da ministra da Economia e de seus tecnocratas, preparando o terreno para o veto presi-

dencial. Enquanto isso, prossegue a política recessiva como meio de conter a inflação e segue-se fielmente o receituário do FMI de promover demissões em massa do funcionalismo público, sob o pretexto de enxugar a máquina estatal. No setor externo, assistiu-se nos últimos dias à intensificação dos contatos entre o governo brasileiro e os credores internacionais a fim de retomar o pagamento da dívida e firmar novos compromissos lesivos à soberania nacional. Nesse particular, as perspectivas se tornam ainda mais sombrias para o País, na medi-

da em que o imperialismo norte-americano, sentindo a perda de espaço para outras potências emergentes, sobretudo a Alemanha e o Japão, em diversas regiões do mundo, busca criar novos instrumentos de domínio nas regiões que considera seu quintal, como a América Latina. A proposta recentemente formulada pelo presidente dos Estados Unidos, George Bush, a respeito da criação de um mercado comum das Américas, é significativa a esse respeito.

Tudo isso indica a necessidade de os partidos progres-

sistas enfrentarem politicamente esses problemas na campanha eleitoral. É um momento privilegiado para realizar uma ampla discussão e mobilização do povo, de esclarecê-lo sobre o caráter antinacional, autoritário e antipopular do governo e sobre a natureza reacionária dos planos das classes dominantes.

As eleições deste ano constituem uma batalha política de envergadura que não pode ser subestimada. O governo depende de bons resultados nas urnas para poder levar a efeito os seus planos. Por isso se prepara para intervir com força no processo eleitoral. Qualquer ilusão a esse respeito que levasse a uma redução do conteúdo oportunista da campanha dos partidos progressistas seria prejudicial e traria conseqüências negativas para o futuro imediato e a longo prazo da luta democrática e popular. As classes dominantes tudo farão para eleger gente como Maluf, Antonio Carlos Magalhães, Joaquim Francisco, Nelson Marchezan, Paulo Otávio, Gilberto Mestrinho, Jader Barbalho, Iris Rezende, etc.

As forças progressistas devem, portanto, alertar o povo para os perigos reais que ameaçam o Brasil, conscientizá-lo e mobilizá-lo, criando condições para conquistar expressivas vitórias nas eleições de outubro-novembro.

## Campanha reforça o Partido

Walter Sorrentino

A eleição de uma bancada comunista ampliada este ano está destinada a colocar o PCdoB em novo patamar na correlação de forças no País. É um aspecto central para nos colocarmos como partido conseqüente de esquerda de porte médio no cenário político. Mas o reforço das posições de partido apresenta ainda outros aspectos destacados, entre os quais está o de alcançarmos centenas de milhares de membros. Na cultura política do Brasil isso se constitui num indicador real da força dos partidos e não pode ser negligenciado.

Eleições despertam objetivamente o “apeti-

te” político popular e o nosso trabalho nesses períodos mobiliza camadas muito mais vastas do que na “calmaria”. Busca de votos e filiação não são uma única e mesma coisa, mas as atividades de campanha fornecem base muito ampla para a filiação. Formar núcleos e comitês de apoio, realizar mutirões e panfletagens são passos na busca de votos que aproximam do partido gente avançada, em busca de alternativas de luta. Filiá-los é coisa tão “leve” quanto fazer a campanha dos candidatos. Por isso o objetivo eleitoral baliza horizontes para milhares de novas filiações.

A questão se apresenta com novas feições este ano. O prestígio político do PCdoB é notável, sobretudo com a campanha da FBP do ano passado. Coerência e firmeza na luta pela unidade do povo, presença combativa nas lutas populares e fibra na defesa dos ideais socialistas são qualidades reconhecidas ao PCdoB em vastos setores do movimento popular. Isso é o que permitiu ampliar a presença em novos municípios e dá base aos numerosos exemplos de ativistas que se acercam do partido trazendo consigo dezenas de novos filiados. Não estar atento a esse fenômeno deixar-nos-ia em atraso com respeito à realidade. Sejamos agentes cons-

cientes — e vanguardeiros — desse processo, mobilizando-nos em tempo integral para o esforço de campanha e, no curso dela, abrindo de par em par, ativamente, as portas do PCdoB a novos camaradas.

Resta-nos encarar esse duplo esforço com entusiasmo militante. Fica lançado um desafio, como fator de emulação partidária: transformar em marca registrada a presença vermelha dos comunistas nas manifestações de campanha promovendo novas filiações.

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# Candidatura de Maurício é lançada em Brasília

José Euflávio\*

Arnildo Schulz

Os sete partidos que participam da Frente Popular de Brasília — PDT/PC do B/PSB/PCB/PSDB/PV e PEB — estão definitivamente afinados e, numa manifestação de força, lançaram a candidatura de Maurício Corrêa ao governo do Distrito Federal, num ato que reuniu mais de três mil pessoas no auditório Planalto do Centro de Convenções. A manifestação, precedida de uma *carreata*, aconteceu no sábado, 14, com as presenças de líderes nacionais como Leonel Brizola (PDT), João Amazonas (PCdoB), Roberto Freire (PCB), Jamil Hadad (PSB), além do senador Pompeu de Sousa, candidato à reeleição.

A movimentação da Frente Popular começou logo cedo no Aeroporto de Brasília, onde os líderes nacionais que já estavam na cidade esperavam a chegada de Brizola, vindo do Rio de Janeiro, o que aconteceu às 15h. A partir daí, uma grande passeata com aproximadamente 500 carros e muitos militantes dos partidos de esquerda seguiu para o Centro de Convenções, onde aconteceu o lançamento da candidatura de Maurício Corrêa e de toda a chapa majoritária.

Era grande a movimentação de candidatos à Câmara Federal e à Assembleia Distrital e de militantes que gritavam palavras de ordem em defesa de seus candidatos. Militantes da União da Juventude Socialista, crianças e velhos militantes dos partidos que formam a frente se uniram num clima bastante alegre em defesa da candidatura de Corrêa ao governo do Distrito Federal.

O primeiro a usar a palavra foi o presidente nacional do PSB, senador Jamil Hadad, que conclamou todos os militantes à luta e disse que a vitória da frente depende do empenho dos partidos de esquerda que nela estão envolvidos. "Eu os conclamo à luta cerrada, para que possamos sair vitoriosos no pleito que se aproxima, com a eleição do companheiro Maurício Corrêa e Geraldo Campos, candidato a vice", disse o presidente do PSB.

Depois de elogiar as direções dos partidos, "que tiveram a sensibilidade de se unirem nesse momento histórico", o senador Jamil Hadad afirmou que empresários e grandes banqueiros vão se unir ao projeto da direita, com o objetivo de eleger o máximo de candidatos à Câmara Federal e ao Senado.

Depois foi a vez do presidente nacional do PCdoB, João Amazonas. Para ele, o pleito que se aproxima "não é uma luta regional e sim uma batalha nacional, onde estará a es-



Da esquerda para a direita: Maurício Corrêa, Pompeu de Sousa, Amazonas e Brizola

querda, de um lado, e a direita do outro". Amazonas lembrou o segundo turno das eleições presidenciais, onde todos os partidos de esquerda se uniram num mesmo palanque em defesa da candidatura de Lula e lamentou que o PT não tenha tido o entendimento correto de estar participando dessa frente em Brasília.

## Noutro palanque

Onde estão os nossos companheiros de palanque do segundo turno das eleições presidenciais? Será que a aliança era "muito boa" porque era a favor deles? É uma pena que isso aconteça". Numa alusão clara ao PT, foi desta forma que o presidente do PDT e candidato ao governo do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, iniciou o seu discurso, sendo bastante aplaudido pelos presentes. Segundo Brizola, esta atitude divisionista do PT "favorece a direita".

Brizola explicou que para assegurar o processo democrático seria imprescindível que as esquerdas e os partidos progressistas elessem os governadores de pelo menos sete Estados "estratégicos": Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e Ceará. Não perdeu a oportunidade para alfinetar o governo Collor de Mello, principalmente com relação ao "confisco" dos recursos financeiros depositados na caderneta de poupança.

Brizola afirmou serem inaceitáveis as iniciativas que atentam contra o funcionalismo. Uma delas, segundo o candidato ao governo do Rio de

Janeiro, é a nomeação do publicitário Juca Colagrossi, presidente do PRN do Rio, para a diretoria do Lloyd Brasileiro, em Nova York, para receber US\$ 100 mil por ano, porque é amigo do presidente da República.

Ele acha que o candidato "Maurício Corrêa deve bater forte no governo Collor e no desastre que é Joaquim Roriz, um filhote da ditadura, candidato ao GDF pelo PRN".

"Quero iniciar meu discurso saudando esse bravo companheiro, símbolo da resistência à ditadura militar, que é João Amazonas, e conclamando o povo candango de Brasília a eleger Maurício Corrêa ao governo do Distrito Federal — afirmou o senador Pompeu de Sousa, candidato à reeleição, ao discursar para as mais de três mil pessoas que se encontravam no Centro de Convenções.

O ato foi encerrado com a fala de Maurício Corrêa. Bastante entusiasmado, ele disse que a candidatura de Joaquim Roriz é inconstitucional, já que ele foi governador biônico do Distrito Federal. Garantiu que não vai pedir sua impugnação, "porque vamos derrotá-lo nas urnas". Roriz, para ele, é a continuação do projeto do presidente Fernando Collor, uma vez que "os dois são farinha do mesmo saco".

Anunciando que fará um governo democrático no Distrito Federal, com a participação de todos os partidos que compõem a Frente, Maurício Corrêa garantiu que todas as fundações terão uma participação paritária e frisou que os médicos e professores, que estão fazendo constantes greves, na luta contra as arbitrariedades

do governo, terão um tratamento digno de suas profissões.

Ao criticar Roriz, que distribuiu vários lotes com a comunidade — chegou a falar em 100 mil —, ele disse que a população do Distrito Federal merece tantos lotes quantas forem as suas famílias.

## Oposição cerrada

Ao participar do lançamento da candidatura de Maurício Corrêa ao governo do Distrito Federal, o presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, salientou que aos partidos de esquerda e ao povo cabe fazer uma oposição cerrada ao governo Collor, a quem acusa de vir sacrificando o povo em benefício dos grandes monopólios empresariais. "Vamos travar uma luta ferrenha contra esse governo infame".

Na opinião de Amazonas, Collor tem ódio ao povo e é servil ao grande capital estrangeiro, a quem vem servindo, enquanto a maioria da população brasileira passa por dificuldades de todas as ordens. Denunciou que o governo vem demitindo pequenos funcionários, que ganham pouco mais do que o salário mínimo, na tentativa de forçar a mídia a acreditar que vem moralizando o País. "Esse Color não passa de um furta-cor", acredita Amazonas.

Ele acha que o povo deve se mobilizar nessas eleições, pois não sabe se o País agüenta esse governo até 94, uma vez que todas as medidas anunciadas até agora por sua equipe econômica visam o sacrifício dos tra-

balhadores e das massas sofridas do povo.

Depois de conclamar o povo a eleger uma bancada de esquerda, não só em Brasília, mas em todo o País, Amazonas acrescentou que essa não é uma luta regional, já que o embate eleitoral se dá a nível de Brasil. No Distrito Federal, Amazonas conclamou a população a eleger os candidatos da Frente, principalmente o jornalista Moacyr de Oliveira, o Moa, e Agnelo Amorim, candidatos do PCdoB a deputados federal e distrital, respectivamente.

Contestada por todos, a candidatura de Joaquim Roriz, pelo PRN, é um grande engodo e cheia de lances sensacionalistas. Roriz quer voltar para o Palácio do Buriti, onde esteve até bem pouco tempo, como governador biônico nomeado pelo então presidente Sarney. Wanderley Vallim, igualmente biônico, é o seu vice e hoje ocupa a vaga de titular, nomeado por Collor.

Quando deixou o governo, Roriz foi nomeado ministro da Agricultura e passou o cargo de governador a Vallim, que continuou cumprindo suas ordens. Agora, Roriz quer ocupar o cargo que antes era seu, num completo desrespeito à Constituição, que não permite esse tipo de manobra.

Campeão de bionicidade, Roriz também já foi prefeito de Goiânia, também nomeado. Vários pedidos de impugnação encontram-se no Tribunal Superior Eleitoral, para que Roriz volte ao Buriti.

\*Correspondente em Brasília

# O Acre desperta e luta

Por Józimo de Sousa\*

Sucursal

O Acre, terra de Chico Mendes, e violência no campo e de "esquadrão da morte" formado por policiais para eliminar bandidos, "tem jeito". E a Frente Popular do Acre, formada pelo PT, PCdoB, PDT, PCB e PV, escolheu o engenheiro florestal Jorge Viana, 30 anos, como candidato a governador. Em entrevista exclusiva, ele analisa a situação do Estado e explica as propostas da Frente Popular para o governo.

**Classe — Qual a avaliação que você faz do governo Collor neste momento?**

**Jorge** — Está muito clara para o povo brasileiro a face do governo Collor. As classes dominantes nas últimas eleições confundiram a opinião pública. De certa forma foram "competentes" para fazer isso. O governo Collor está em sintonia com o FMI. Sua política aumenta ainda mais a distância entre os trabalhadores e as classes dominantes.

**Classe — O que precisa mudar no Acre e no Brasil?**

**Jorge** — Num país onde o índice de analfabetismo é alto e o estado de miséria de grande parte da população muito acentuado, só com o crescimento da sociedade civil organizada e principalmente dos partidos políticos de esquerda que historicamente se colocaram do lado dos trabalhadores, é que se pode fazer frente a governos tipo Sarney, Collor e militares.

Eu tenho certeza que a população já reconhece que o Collor nada mais é que um representante mascarado das classes dominantes do país. A forma de colocarmos um fim nisso tudo é fazendo a maioria dos governos estaduais e também nas Assembleias, Câmara Federal e Senado. Dessa forma vamos poder, com projetos alternativos e inteligentes, nos contrapor à política do governo federal que só atende aos interesses do capital internacional.

**Classe — Qual é a grande ameaça que o governo Collor representa para a população brasileira?**

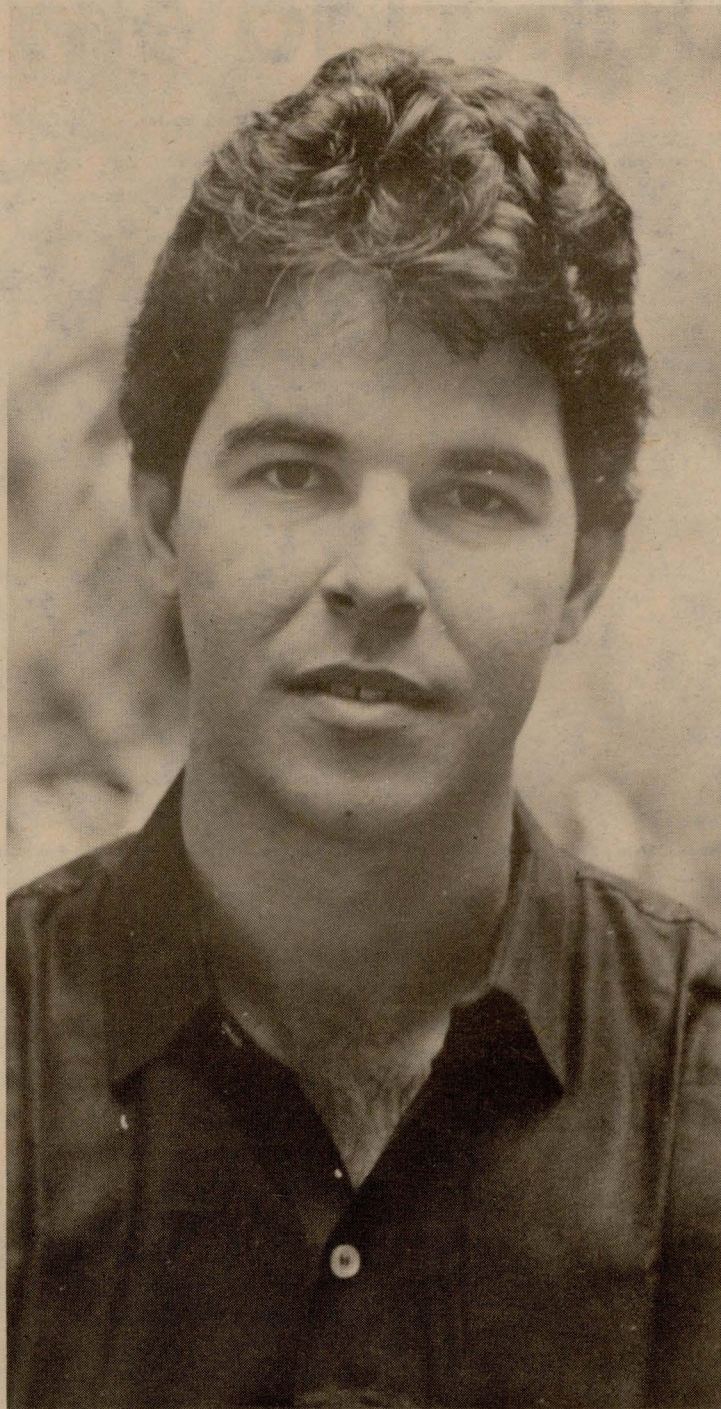
**Jorge** — A grande ameaça é aumentar o estado de miséria da grande maioria de nossa população. Quando o Collor deixa num plano inferior a política agrícola, deixa num plano que a gente não consegue identificar ainda a proposta de reforma agrária e quando não define uma política de desenvolvimento para o País, coisa que realmente seu plano não contempla, apesar da gente saber que qualquer política agrícola que vier desse governo nunca beneficiará o povo, então a grande ameaça do governo Collor é que ele vai complicar muito mais a situação já difícil de vida da classe trabalhadora, principalmente o pessoal da zona rural e as pessoas de menos sorte.

**Classe — Há condições de desenvolver a Amazônia preservando ao mesmo tempo o meio ambiente?**

**Jorge** — A única condição de se fazer um verdadeiro desenvolvimento, de se modernizar as atividades produtivas na Amazônia é colocando em prioridade o uso inteligente dos recursos naturais. Esse é um ponto que nós não abriremos mão em nosso governo. Eu como engenheiro florestal que atuo junto ao conselho nacional dos Seringueiros, aos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e que tenho colocado minha experiência a serviço desse movimento, tenho ao lado dos companheiros que integram a Frente Popular do Acre, projetos de desenvolvimento para a Amazônia, para a modernização das atividades extrativistas e que passam necessariamente pelo uso inteligente dos recursos naturais e pelo respeito aos povos da floresta e, necessariamente também pela negação da política adotada nos últimos 20 anos na região, que tem como base a implementação da pecuária extensiva, a devastação da natureza, o desrespeito aos índios, seringueiros e colonos.

**Classe — Qual o seu pensamento a respeito do asfaltamento da BR-364 ligando Porto Velho a Rio Branco e Cruzeiro do Sul, e de lá ao Pacífico?**

**Jorge** — Essa é uma pergunta muito polêmica e geralmente colocada de forma muito seca. Nós acreditamos que uma estrada por si só não vai trazer o desenvolvimento para a Amazônia. Nós somos a favor de um verdadeiro projeto de desenvolvimento que passe necessariamente por discussões travadas aqui na região entre especialistas no assunto com a participação de entidades ambientalistas. O desenvolvimento da Amazônia não vai ser trazido de fora. Esse projeto para rodovia tem que contemplar uma infra-estrutura para a região amazônica poder avançar e sem energia, por exemplo, ao longo das rodovias, é quase impossível desenvolver. A ligação entre o Acre e Rondônia através de uma estrada asfaltada é necessidade de primeira ordem, assim como é necessário asfaltar também as estradas que ligam os municípios acreanos. O que tem de ficar claro é que precisamos de uma ligação rodoviária responsável. Quanto à estrada chegar ao Pacífico, é muito interessante. Se nós não tivermos ainda a competência de ligar Rondônia ao Acre, que faltam somente 100 Kms, como é que já pensamos em levar a rodovia até o Pacífico? A prioridade é a Br-364 entre Porto Velho e Rondônia e em seguida os municípios do Acre. Nós precisamos de uma estrada que não venha atender os interesses dos fazendeiros, dos especuladores internos e dos aventureiros. A rodovia deve ser construída com o objetivo de atender os interesses das populações que moram ao longo da BR, que residem no interior do Estado e deve vir junto com o asfaltamento um projeto em que se estabeleçam critérios de ocupação. Sem isso a estrada pode se tornar num grande desastre como vêm



Jorge Viana, um jovem engenheiro florestal que acredita no uso inteligente dos recursos naturais da Amazônia

se tornando rodovias como a Transamazônica.

**Classe — Que tipo de governo a FPA vai adotar ao vencer estas eleições?**

**Jorge** — A grande diferença da FPA para os outros agrupamentos políticos que estão concorrendo ao governo do Acre é que do nosso lado estão os setores organizados, os Sindicatos e partidos políticos que têm realmente compromisso com os trabalhadores. Também temos o apoio de setores expressivos que não pertencem a partidos políticos, mas que desejam uma mudança para melhor. A grande diferença é que nós estamos querendo promover a modernidade, o desenvolvimento do Acre, como forma de dar exemplo para o resto da Amazônia e do Brasil de como se deve dar a melhoria de quali-

dade de vida dos povos que vivem nessa região. E essa melhoria vai passar pela modernização do extrativismo, pelo respeito aos povos da floresta, pelo desenvolvimento para quem vive e trabalha aqui, pelo desenvolvimento feito a partir do nosso conhecimento da Amazônia, a partir do nosso conhecimento das riquezas naturais de que dispomos e a partir do uso inteligente dessas riquezas.

**Classe — O Acre parou no tempo. Como no seu governo o Acre poderá voltar à fase do progresso, de dias melhores para os acreanos?**

**Jorge** — Os projetos de desenvolvimento apresentados até aqui para a Amazônia, foram todos equivocados. Os projetos dos governos militares foram equivocados, a continuidade desse fracasso se

deu no governo Sarney e para nós já está muito claro que esse fracasso vai ter continuidade no governo Collor. A falência desses projetos fez com que a Amazônia continuasse vivendo em estado de miséria. O Acre realmente está estagnado, atolado na lama da violência, dos assassinatos, do analfabetismo. Mais de 50 por cento da população não sabe ler e escrever. Falta assistência à saúde, falta emprego e os salários são baixos. A forma de acabar com isso é pondo fim a corrupção, renovando a política desse Estado, tirando da administração a oligarquia atrasada que sempre dominou a política e promovendo o desenvolvimento a partir do engajamento dos setores organizados da sociedade na definição de um novo modelo de desenvolvimento e também na promoção do uso adequado das riquezas da Amazônia.

**Classe — Qual será o maior desafio na administração do Estado pela FPA?**

**Jorge** — Um dos maiores desafios que nós teremos pela frente será o de acabar com a violência no Acre, onde em 88 tivemos o companheiro Chico Mendes assassinado, uma das expressões de seriedade e de compromisso com os trabalhadores. Ele defendia o direito à vida, o direito dos trabalhadores e por isso foi assassinado. O índice de violência no Acre é alarmante. No campo e na cidade todos os dias são registradas morte violentas e isso tem que acabar. Esse é um dos grandes desafios.

Teremos outros desafios como o de melhorar a educação, a saúde e a habitação no Estado. Outro desafio é fazer com que essa política atrasada, corrupta e viciada seja combatida. No momento da campanha o desafio maior é combater os adversários que estão com máquinas poderosas nas mãos jogando todo o potencial financeiro na campanha.

**Classe — De que forma a FPA vai atacar a direita na campanha?**

**Jorge** — Nós estamos fazendo campanha com criatividade e contando com o engajamento de setores organizados da sociedade, com a unidade dos partidos que querem romper com esta sociedade injusta que nós temos buscando a democracia.

**Classe — O Acre tem jeito?**

**Jorge** — "O Acre tem Jeito" é o slogan de nossa campanha. Acreditamos que sim, e por isso estamos colocando fé na força do povo que há mais de 30 anos está se organizando e nestas eleições vai ousar elegendo os nossos candidatos. O Acre, a Amazônia e o resto do Brasil têm jeito, por isso queremos mudar. O povo está cansado e agora será inteligente.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois  
Correspondente no Acre e presidente do Sindicato dos Jornalistas do AC

# A Bahia recebe uma declaração de amor

A esquerda na Bahia uniu-se para romper os currais. Com uma chapa encabeçada por mulheres — Lídice da Mata (PC do B) para o governo, Salete Silva (PSB) vice e Bete Wagner (PCB) para o Senado, os partidos democráticos e populares renovam em forma e conteúdo.

O quadro sucessório já está bem delimitado. De um lado, os candidatos da direita — Antonio Carlos Magalhães, Roberto Santos (PMDB) e Luiz Pedro Irujo (PRN) — e de outro, a Frente Popular da Bahia, com Lídice da Mata. O PT rompeu a unidade e lançou o economista José Sérgio Gabrielli isoladamente, apesar dos esforços do PCdoB, PSB e PCB para que os progressistas permanecessem juntos — repetindo a aliança que apoiou Luiz Inácio Lula da Silva para presidente da República.

## Romper Preconceitos

“A solução encontrada inova e rompe preconceitos. Ao lançar três mulheres, os partidos populares têm a clareza de estarem fortalecendo três lideranças políticas da esquerda — destacou Lídice, em entrevista à “*lasse Operária*”. Para ela, a chapa não constitui um simples somatório dos partidos. “Representa”, assinala, “uma amplitude maior do que quem a produziu”, capaz de unificar vastos setores progressistas do Estado, além de segmentos específicos, como as mulheres, a juventude, a intelectualidade e a classe operária.

Lídice frisa, também, que não é a candidata unicamente do PCdoB, como Salete não é só PSB nem Bete Wagner, PCB. “Somos todas da Frente Popular”, completa, ressaltando: “Embora as nossas candidaturas tenham essa amplitude, contam com a vantagem de representar estes três partidos. Isso trouxe novo ânimo para a militância partidária, que será a nossa primeira base de apoio capaz de transformar a campanha num movimento emocional de envolvimento com a nossa chapa. Não temos dúvida de que, com esses esforços, com o discurso novo que apresenta, a chapa terá como desdobramento a médio prazo o fortalecimento dos partidos que a compõem.

A candidata da Frente Popular entende que a chapa inova porque apresenta mulheres para a disputa, com uma conotação inédita em nível nacional. “Apresentamos velhas reivindicações com novas formas: retomada do desenvolvimento econômico e industrial na Bahia, baseada na força do trabalhador. Vamos nos voltar para as forças que produzem — operários, camponeses, pequenos e médios produtores”, acrescenta.



Lídice à frente da chapa que traz uma mensagem nova na política baiana.

## Propostas Firmes

Lídice, Salete e Bete vão priorizar a questão da mulher, a defesa da ecologia, a luta contra o racismo e as diferenças sociais gritantes. “Temos uma visão nova a ser apresentada, porque somos mulheres e de esquerda”, sustenta.

As candidatas da Frente Popular preocupam-se com o problema das crianças abandonadas, saúde e educação. “A saúde de nosso povo não significa apenas ter mais hospitais. É preciso que haja uma mudança de conteúdo na assistência, sobretudo à mulher”, propõe Lídice, que defende entre outras questões fundamentais, o serviço público como algo necessário. “Quanto mais competente for, melhor servirá ao cidadão”, sugere.

Ela também entende o respeito à cidadania como questão central da democratização do Estado. “Temos que buscar uma transformação pela raiz da problemática da criança e da juventude, defender uma visão de educação diferente, buscando a integração deles à sociedade pelo trabalho produtivo, ao contrário da proposta de profissionalização que objetivou apenas

formar para servir às empresas. Queremos o homem integral, preparado para exercer o poder”.

## Careta

A Frente Popular também se propõe a mudar a história primitiva do carlismo e anticarlismo na Bahia. “Somos opção contra a direita, para mostrar que ACM é careta e caquético”, diz ela, que vê ainda o PMDB estadual como “a repetição de um filme que não deu certo em 1982, uma alternativa sem gosto, sem tempero, insossa”.

Vamos representar os homens e as mulheres da Bahia, numa chapa feminina composta por pessoas comprometidas com a luta feminista e que têm os homens como principais parceiros da construção desta vitória. Esta campanha será uma declaração de amor à Bahia. É um reencontro com a história da Bahia, desde Catarina Paraguauçu à expressão maior do heroísmo do povo baiano, nas figuras de Ana Néri e Maria Quitéria, guerreiras, da luta de libertação em 1823 — assinala Lídice, com a firmeza de quem tem a ousadia de sonhar e vencer.

Samuca

## Está pintando uma campanha criativa

A campanha da Frente Popular com Lídice, Salete e Bete nem bem começou e já entusiasma a militância dos três partidos (PCdoB, PSB e PCB), conquista apoios e adoção de amplos setores do movimento popular e democrático na Bahia, consegue empolgar pessoas individualmente que telefonam para os comitês e sedes partidárias anunciando: “Agora tenho em quem votar”, frase-sentimento que acabou incorporada como um dos slogans da chapa das mulheres: “Agora, você tem em quem votar”.

Está pintando uma campanha criativa, completamente inovadora, bem plantada na militância, com possibilidades inimagináveis de ampliação, constata um dos coordenadores, Adson França. É dele a informação de que a chapa vem recebendo sugestões de publicitários simpáticos à proposta da chapa e já se articula um grupo a ser coordenado por uma agência para criar e produzir as peças de campanha. Tem muita gente oferecendo muros e espaços para

colocação e pintura de painéis. Bottons e camisetas já começaram a ser produzidos individualmente. Um grupo de artistas que produzia camisetas com telas e fotos para a campanha de Lídice a deputada federal continuará o apoio na campanha majoritária.

Em Salvador, a receptividade à Frente Popular tem a marca do entusiasmo e da vontade de participar. Com a inauguração do comitê central de campanha, neste sábado, dia 21, a partir das 11 horas — funcionará no antigo bar e restaurante Paris Latino, estratégico espaço cultural no bairro do Rio Vermelho — as propostas de Lídice, Salete e Bete ganharão as ruas e praças da Bahia. No mesmo sábado, à noite, as candidaturas serão lançadas em Itabuna, um dos mais importantes municípios do Estado, berço do sindicalismo rural baiano, abrindo as portas para a entrada da campanha no interior, de onde chegam inúmeras solicitações para comícios e presença das candidatas.

## Na Bahia esquerda tem nome: Haroldo

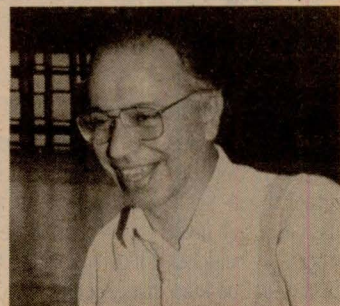
Foto: Arquivo

O deputado federal Haroldo Lima, líder do PCdoB na Câmara, acredita que o quadro político mudou completamente na Bahia com a entrada em cena da chapa das mulheres, encabeçada pela deputada federal Lídice da Mata. “Os resultados aparecerão já na próxima pesquisa, a despeito das manipulações que possam acontecer”, aposta.

A receptividade à chapa da Frente Popular, composta por três mulheres (Lídice da Mata, do PCdoB, para o governo Salete Silva, PSB, vice; e Bete Wagner, PCB, Senado), foi sentida pelo parlamentar nos municípios de Irecê, Xique-Xique, São Gabriel, Ibititá, Presidente Dutra, Uibai e Belo Campo, onde esteve há poucos dias.

— Em debates e entrevistas uma das mais freqüentes perguntas era sobre a chapa, observa Haroldo, que diz não se impressionar com índices de pesquisas que favorecerem as candidaturas de Antonio Carlos Magalhães (PFL) e Roberto Santos (PMDB).

“São resultados de pesquisas feitas antes de dois acontecimentos importantes: o lançamento da chapa das mulheres e a campanha pelo rádio e televisão”,



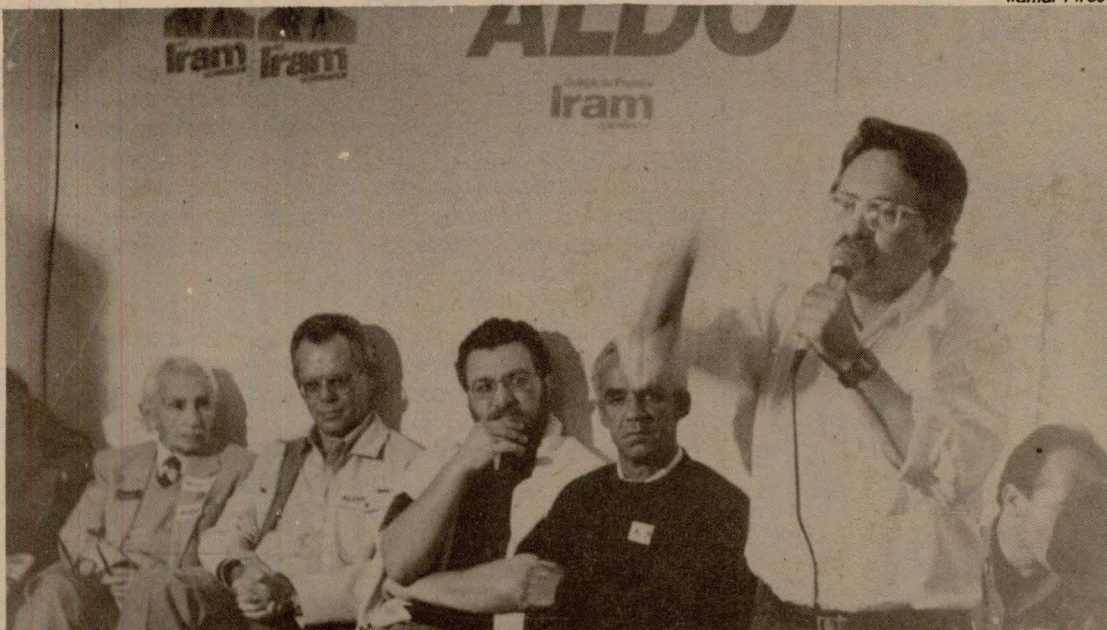
A campanha à reeleição de Haroldo começa a deslanchar

argumenta.

A campanha de Haroldo Lima à reeleição começa a deslanchar em todo o Estado, a partir da intensificação dos contatos no interior e da realização de encontros e debates em Salvador. Com o slogan “na Bahia, a esquerda tem nome”, a campanha de Haroldo, único candidato do PCdoB na Bahia a deputado federal, está bem casada com os candidatos a deputado estadual Luiz Nova e Vandilson Costa, que disputam a reeleição, e Maria José Rocha, Zezé, presidente da APLB-Sindicato, e Messias Gonzaga, vereador do PCdoB em Feira de Santana.

# Aldo recebe amplo apoio em Goiás

# RS: cresce campanha



Itamar Pires

Aldo Arantes, uma das esperanças das forças progressistas goianas na Câmara Federal

Com a presença do presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, do candidato da Coligação Popular (PDT, PCdoB, PSDB e PNM), senador Iram Saraiva, dos candidatos a vice-governador, Elias Rassi e a senador, Mauro Netto, ambos do PSDB, e ainda dos presidentes regionais dos partidos que compõem a coligação, foi realizado em Goiânia, dia 13 de julho, um ato de apoio de lideranças populares à reeleição do deputado federal Aldo Arantes.

Cerca de 350 pessoas estiveram presentes no comitê suprapartidário pela reeleição de Aldo, entre lideranças do movimento estudantil, comunitário e do sindicalismo rural e urbano. Artistas goianos também manifestaram seu apoio e os compositores Amaury Garcia e Du Oliveira apresentaram um jingle especialmente feito para a campanha de Iram Saraiva.

### Presença determinante

O presidente regional do PDT, Santa Cruz Serra Dourada, em sua intervenção, enfatizou que "em todos os movimentos libertários que nosso país passou, a presença dos comunistas foi determinante. A candidatura de Iram inaugura um tempo novo em Goiás. A Coligação Popular não teria o mesmo sentido sem a marca combativa do PCdoB que, sem dúvida, elegerá Aldo Arantes deputado federal". Ainda manifestou seu apoio o presidente do PNM de Goiás e candidato a deputado estadual Ailton Menezes que, contrariando a orientação nacional de seu partido, não saiu candidato a federal por entender "que Goiás tem o maior parlamentar do Brasil e eu não poderia deixar de apoiá-lo. Aldo é um grande deputado, um político digno e um lutador da causa popular". Ailton é um dos candidatos a deputado estadual de partidos coligados que apóiam Aldo Arantes.

### Os candidatos

A Coligação Popular lança o nome do

senador Iram Saraiva (PDT) ao Palácio das Esmeraldas, como a alternativa progressista e de esquerda ao governo do estado, contrapondo-se às candidaturas colloridas de Paulo Roberto Cunha e Íris Rezende Machado. Iram, que é vice-presidente do Senado Federal, tem tido projeção nacional por sua postura firme na presidência da mesa diretora dos trabalhos do Congresso, contribuindo para as derrotas que o governo vem sofrendo no Parlamento. Nas últimas eleições, quando se elegeu senador, Iram obteve quase 1 milhão de votos e conquistou, juntamente com Aldo Arantes, nota 10 por sua performance na Constituinte.

O PCdoB lança os nomes de Denise Carvalho, Egmar José e Divino Goulart à Assembleia Estadual. Denise é vereadora em Goiânia, com destacada atuação na Câmara Municipal e grande penetração no eleitorado da capital e interior. O professor Eg-



Itamar Pires

Denise Carvalho

mar José, de Anápolis, foi o candidato a vereador mais votado da cidade. Divino Goulart é presidente da Fetaeg e o único candidato camponês ao pleito. Com um time de candidatos com liderança firmada no Estado, respaldados pela reconhecida combatividade de Aldo como parlamentar, o partido se lança a mais esta batalha eleitoral, com boas chances. (Itamar Pires)

Os candidatos do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul desencadearam a campanha eleitoral em aproximadamente 155 municípios. Edson Silva, candidato à Câmara Federal, e Jussara Cony, à Assembleia Legislativa, cumpriram o roteiro de visita às entidades populares e universidades junto com a caravana da Frente Progressista Gaúcha (PCdoB, PDT e PSDB) em dez cidades-polos do estado.

Desde o dia 3 de julho as forças políticas que fazem oposição ao governo Collor no estado levaram a plataforma inicial da campanha às lideranças do interior. Até o dia 24 esses municípios prepararam a avaliação do programa listando as prioridades de cada região, para que no último final de semana de julho seja realizado

o encontro estadual de finalização do projeto "Povo Grande do Sul".

A costura diferenciada do programa de governo de Alceu Collares, candidato ao governo pela FPG, vai permitir o conhecimento dos problemas e da luta do povo gaúcho, engajando desde logo os populares na formação de um legislativo estadual e federal em condições de enfrentamento com a direita.

Jussara Cony e Edson Silva estiveram em São Leopoldo (com abrangência em 44 municípios), Osório (13 municípios), Uruguaiana (7), Bagé (7), Pelotas (21), Caxias do Sul (24), Passo Fundo (99), Palmeiras das Missões (42), Ijuí (40) e Santa Maria (35).

# A força da Zona Sul

A Zona Sul de São Paulo, a partir do bairro de Santo Amaro, é dona de uma rica tradição de lutas democráticas e populares. A julgar pelas iniciativas que os militantes dos partidos de esquerda, em especial do PCdoB, vêm tomando na campanha eleitoral, tudo indica que a "Sul" vai continuar jogando papel de destaque nas lutas do povo paulistano e depositar uma expressiva quantidade de votos, em 3 de outubro, favoráveis aos candidatos da União Democrática e Popular (PT, PCdoB, PSB e PCB).

Em diversas áreas têm sido realizadas plenárias populares, com intensa participação de ativistas e lideranças sindicais e comunitárias. A mais expressiva delas ocorreu dia 10 de julho na Capela do Socorro, com a presença do candidato ao Senado pela UDP, Eduardo Suplicy. O candidato ao governo, Plínio de Arruda Sampaio, não compareceu porque estava em campanha pelo interior do Estado. O PCdoB foi a representado pelo vereador Aldo Rebelo, que disputa com grandes chances a eleição para deputado federal.

Na opinião de Joel Batista, secretário de organização do Diretório Distrital do PCdoB na Zona Sul, "as candidaturas de Aldo Rebelo e Jamil Murad têm encontrado boa receptividade". Ele conta que no último dia 11, em poucas horas, Jamil Murad, candidato a deputado estadual pelo PCdoB, visitou 26 casas de populares. Joel acrescenta que as chances de obter uma boa votação na Zona Sul são grandes, "porque o PCdoB tem historicamente um intenso trabalho no movimento popular e operário da região". Ele acha ainda que a coligação União Democrática e Popular "polariza e unifica o eleitorado popular e de esquerda da região".

### Retificação

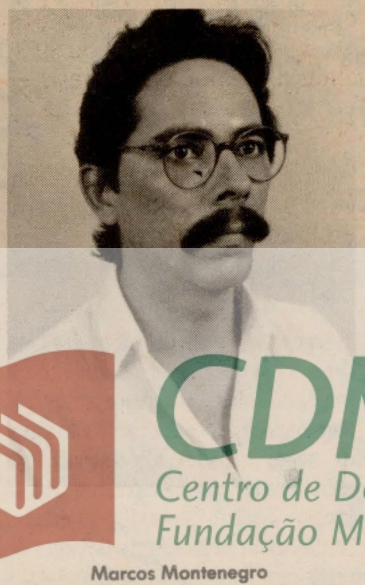
Na edição passada, na página 5, informa-se que "pelo PCdoB estão concorrendo Aldo Rebelo (deputado federal) e Jamil Murad (deputado estadual)". Na verdade o PCdoB tem mais dois candidatos a deputado estadual: o vereador por Mogi-Guaçu, Denis de Carvalho, e Gentil Brito, de São Carlos.

# Roraima quer ser livre

O quadro eleitoral em Roraima, passadas as convenções, ficou definido, confirmando a avaliação das forças progressistas. Formaram-se basicamente três blocos em disputa: no 1º bloco temos a direita mais reacionária, inimigos do nosso povo, em campanha. Esse bloco é formado pelo PDS, PL, PFL etc., num total de 9 partidos, tendo o ex-governador de Roraima e ex-presidente da Funai, Romero Jucá, como candidato a governador. Essa coligação, denominada "Movimento Roraima Prá Valer", conta com o apoio das oligarquias de Roraima, dos empresários da Associação Comercial e da UDR. O 2º bloco tem o PTB e PDC, tendo o brigadeiro Ottomar Pinto, Deputado Federal, como candidato ao Governo. Coligação populista, mantém

velhas áreas de currais eleitorais, tem certa base de massa nos setores despolitizados de Roraima. O 3º bloco uniu a esquerda, o centro-esquerda e o centro em torno da candidatura do ex-governador Getúlio Cruz. Essa coligação é o "Movimento Roraima Livre", composto por PSDB, PDT, PCdoB, PSB e PST, conta com o apoio de setores organizados da sociedade, assume um compromisso claro de oposição ao governo estadual e ao governo Collor, no plano nacional.

Os demais partidos em disputa, sem chances de vitória, são o PT que saiu isolado, com candidatura própria; o PRN, que também saiu sozinho; o PTR e o PSC que saíram na coligação "Novo Roraima" e contam com o apoio camuflado do Gover-



nador de Roraima.

O Movimento Roraima Livre tem amplas chances de vitórias e busca atrair setores indecisos do eleitorado e coloca-se como alternativa de governo e poderá eleger uma bancada expressiva de deputados estaduais.

O PCdoB lança o candidato a deputado estadual Marcos Montenegro, e trabalha com candidatos a deputado federal de outras legendas, preferencialmente do PDT, o que já vem sendo feito e apresenta bons resultados. Os comunistas trabalharão também com candidatos do PSDB em dobradinha.

O candidato do PDT escolhido é o médico Jorge Simões. São boas as chances de vitória.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

Marcos Montenegro

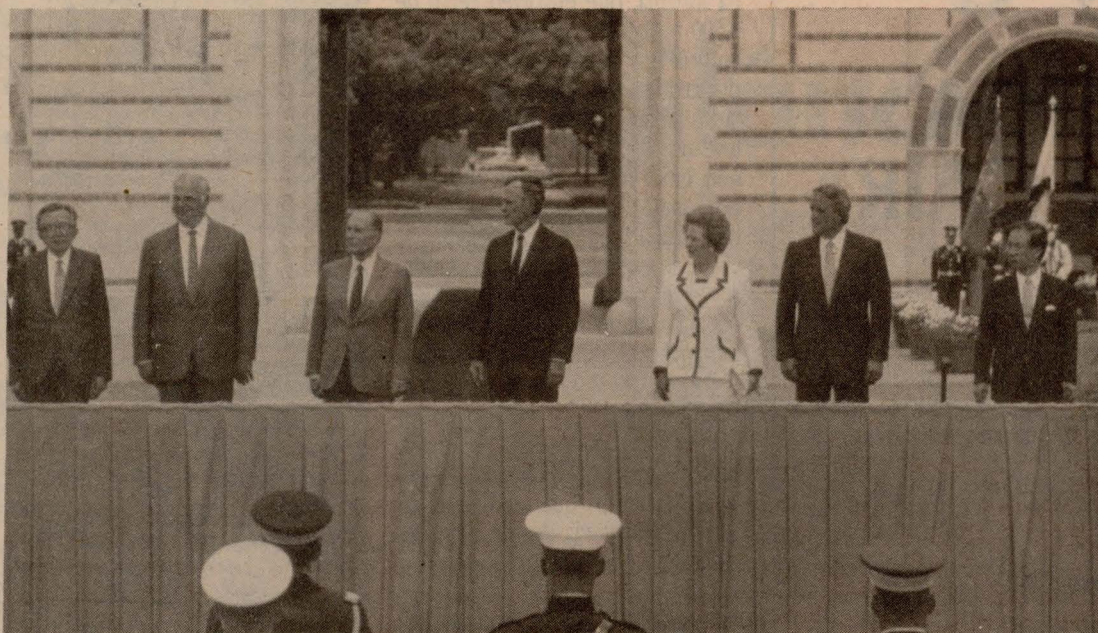
# As novas contradições em jogo

A reunião de cúpula entre os chamados sete grandes (EUA, Japão, Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Canadá), em Houston (EUA), não resultou em grande coisa, mas certamente serviu para transformar em senso comum a consciência do declínio econômico e político do imperialismo ianque e, neste sentido, iniciou um tímido processo de formalização da transição que só vem operando desde a década passada dentro da estrutura de poder mundial, caracterizada pela emergência do Japão e Alemanha como os novos grandes pólos do imperialismo.

Margaret Thatcher, a conservadora dama inglesa, sintetizou a nova realidade com as seguintes palavras: "Havia três grupos regionais na cúpula. Um grupo baseado no dólar, outro no iene e um terceiro no marco alemão". A quebra da hegemoia americana ficou evidenciada nos próprios compromissos firmados em torno de questões polêmicas, como os relacionados aos pesados subsídios à agricultura na Europa, ajuda à União Soviética e empréstimos à China. O Tio Sam não conseguiu impor seus pontos de vista e teve de fazer concessões, à Alemanha e ao Japão. Os subsídios continuam praticamente intocados, Helmut Kohl exerceu sua generosidade para com Gorbachev e o Japão obteve sinal verde para agir como bem entende junto aos revisionistas chineses.

## Decadência

Fruto do desenvolvimento desigual do capitalismo, a decadência do imperialismo americano, em primei-



Os chefes do grupo dos sete em Houston: agora, a luta pela hegemonia entre EUA, Japão e Alemanha

ro lugar (e até agora restrita) no plano econômico, tornou-se irreversível na década de 80, que marcou uma façanha nada invejável dos EUA: eles conseguiram se transformar de maiores credores em maiores devedores do mundo.

A dívida externa americana hoje ronda a casa de 1 trilhão de dólares. No processo, o país não apenas perdeu a base a partir da qual se desenvolve a capacidade de expansão econômica imperialista (a exportação de capitais) como também galgou a posição de maior importador (líquido) de capitais de todo o mundo.

Transformou-se num sistema cujo parasitismo agigantou-se assustadoramente e não encontra paralelo em

nenhum período da história da humanidade. A economia americana é uma máquina que agora só funciona sugando praticamente todo o excedente produzido pelo mundo, canalizando para si as disponibilidades do sistema financeiro internacional (especialmente do Japão e Alemanha), para tanto ofertando juros relativamente altos, impedindo uma solução racional para a crise da dívida externa nos países dependentes e agravando consideravelmente as contradições do sistema. É, sem exageros, o centro irradiador da crise econômica e financeira internacional.

Mas tal situação deixou o governo norte-americano altamente vulnerável, sem grande moral (ou, mais pre-

cisamente, poder) para continuar exercendo o papel de gendarme do mundo e muito menos restringir os passos das classes dominantes da Alemanha e do Japão. Estas parecem cômicas de seu novo papel e, mais que isto, dispostas a lutar com unhas e dentes pela hegemonia que os ianques vêem lhes escapar.

Há muito se sabe que, no imperialismo, as hegemonias se baseiam antes de tudo na força econômica e que o fator econômico acaba se sobrepondo e, em última instância, predominando, determinando a correlação de forças. As coisas, porém, estão caminhando rapidamente.

A derrocada da URSS, por exemplo, é tão gritante, que Gorbachev procu-

rou se render à inevitabilidade do exercício da soberania de uma Alemanha unificada na escolha do bloco militar a que deseja pertencer, negociando com Kohl a entrada do país na OTAN em troca de alguns bilhões de marcos para fazer frente à terrível crise da economia soviética.

O dirigente alemão aceitou a oferta e insistiu durante a reunião dos sete grandes num apoio à URSS com objetivos muito claros: quer não apenas neutralizar mas também envolver a URSS em seus projetos, que prevê primeiro a consolidação da hegemonia alemã na Europa e, mais tarde, a disputa da hegemonia mundial. O Japão, por sua vez, trata de assegurar o domínio da Ásia, contando para isto a aliança com a China, já se atreve a fazer reivindicações territoriais à URSS (fato que teve pouca repercussão durante a reunião de cúpula, mas que é de grande importância) e amplia seus interesses econômicos e políticos em todo o mundo. Os Estados Unidos procuram manter o controle das Américas (afinal, a América para os americanos), mas a debilidade econômica impede grandes vôos inclusive nesta direção. O fim da guerra fria e da bipolarização EUA/URSS impulsionou o movimento de reestruturação do poder mundial, porém o mundo ainda está longe da formalização de uma nova ordem baseada em hegemonias que apenas se esboçam; o acordo de Bretton Woods ruiu mas ainda prevalece, não foi substituído. O estágio presente é de transição, com novas possibilidades contraditórias em processo e em luta, tornando o futuro uma incógnita.

## PCUS, desmoralizado e dividido

O 28º Congresso do PCUS foi encerrado com uma discreta e parcial vitória de Mikhail Gorbachev, mas que, em seus desdobramentos, parece anunciar apenas a via do fracasso e da, a esta altura quase inevitável, queda do regime revisionista. Ao preço de uma acomodação maior com a ala dos seus próprios críticos catalogados como "conservadores", ele se manteve, e a alguns auxiliares, na direção do partido, mas a agremiação revisionista não apenas vive um momento de completa alienação perante o povo, sendo palco e instrumento de luta para manter os privilégios da burocracia, como também efetivamente perde terreno e poder dentro da estrutura administrativa do país.

Os ventos não sopram a favor do projeto de Gorbachev, que talvez não seja o líder adequado para completar o processo de transição ao capitalismo. Apesar das particularidades da sociedade e

do regime soviético, também lá, a exemplo do que ocorreu em todos os outros países do Leste europeu, o coroamento da obra iniciada por Krushev parece demandar pura e simplesmente a saída de cena dos revisionistas, e do seu partido, em favor de lideranças e organizações que abraçam de forma mais nítida a ideologia burguesa — mesmo na Romênia e Bulgária as direções revisionistas mantiveram-se à frente do poder depois que renegaram solene e formalmente a própria ideologia que esposaram em dias menos conturbados, mudado os nomes de seus respectivos partidos, fazendo juras de amor à economia de mercado, etc.

A cisão no PCUS, operada pelo presidente da Federação da Rússia, Boris Yeltsin, e os prefeitos de Moscou, Gavril Popov, e Lenigrado, Anatoli Sobtchark, entre outros, é um bom indicador da direção em sopra o vento político

no país. Foi um movimento que marcou o início de uma luta acirrada contra o reino de Gorbachev. É mais do que provável que esses setores classificados como "ultra-reformistas" saiam vitoriosos da refrega.

Embora sem expressão dentro do PCUS, o grupo capitaneado por Yeltsin dispõe não só de fortes posições dentro do país, a hegemonia da própria Federação da Rússia e as duas mais importantes prefeituras soviéticas, como sobretudo de um inegável apoio na opinião pública. Isto foi evidenciado em diferentes ocasiões, antes, durante e após o congresso do moribundo, desmoralizado e a cada dia mais impopular partido revisionista.

A greve dos mineiros, por exemplo, voltada contra o poder central e de resto com uma expressiva carga de anticomunismo, foi inspirada e dirigida por partidários de

Yeltsin, que também mobilizaram entre 100 a 200 mil pessoas contra Gorbachev numa manifestação em Moscou após o fim de 28º Congresso.

É bom lembrar que a Rússia declarou sua soberania e o primado de suas leis sobre a união, mas agora teve a parceria de ninguém menos que a Ucrânia, cujo parlamento aprovou, dia 16, por 355 votos a favor e apenas quatro contra, uma lei que proclama a "supremacia, independência, autoridade absoluta e superioridade" do governo ucraniano sobre todo o território da república.

Os parlamentares fixaram o objetivo de estabelecer um "governo constantemente neutro, que não participe de blocos militares", o que implica direitos sobre o próprio exército, ficando definido que seus jovens devem prestar serviços militares na própria república. Os não poderão ser utilizados "com

fins militares no exterior sem a aprovação do parlamento local". O texto contempla, ainda, a criação de um sistema bancário independente, responsável por preços, finanças, alfândega e impostos, sendo o orçamento governamental próprio e definido pela república.

A Ucrânia reivindica o direito de dispor de parte das "riquezas federais", assim como indenização por danos ecológicos provocados por empresas soviéticas, como os que ocorreram com a explosão de um reator nuclear da usina de Chernobyl, em 1986. A Ucrânia é a segunda república do país, com 51 milhões de habitantes, extrai um terço de todo o carvão soviético e produz cerca de 38% do minério de ferro. Ao que parece não era mera brincadeira a previsão segundo a qual Gorbachev estava a caminho de tornar-se imperador de um ou vários significantes repúblicas asiáticas.

## Um brasileiro na Albânia

parte 3

# A ALBÂNIA NÃO VAI CAIR

Bernardo Joffily

A "crise das embaixadas", fartamente noticiada pela imprensa, elevou em vários pontos o nível de interesse da opinião pública pela Albânia. Mais uma vez as bolsas de apostas se movimentaram em torno da questão quentíssima: quando a Albânia vai cair? Poucas vezes um país desse planeta concentrou taxa tão elevada de maus-a-gouros, vaticínios sombrios e profecias de catástrofe por quilômetro quadrado.

Estou apostando, uma caixa contra uma garrafa de cerveja, que a Albânia não cai.

### A vacina e a homeopatia

Não que seja teoricamente impossível um país socialista sofrer uma reviravolta de tipo regressivo. Ai estão numerosos exemplos de que é perfeitamente possível. Mais ainda agora, que o vírus da degeneração anda solto na atmosfera do globo terráqueo. Não existe uma poção mágica, uma vacina miraculosa contra essa virose insidiosa.

Minha certeza e minha aposta provêm não de uma equação teórica, mas da análise concreta da concreta realidade albanesa, tal como a observei com meus olhos, imediatamente antes dos refugiados começarem a pular os muros das embaixadas. Na impossibilidade de obter uma vacina, os albaneses têm combatido o vírus da degenerescência com um tipo de tratamento homeopático: doses diárias, incessantes, de participação das massas no governo, controle operário e camponês, combate ao burocratismo e ao liberalismo, democratização crescente dos aparatos do partido e do Estado. E o tratamento dá certo.

### 0,14% da população

Em relação à "crise das embaixadas" propriamente dita, até o momento o trabalho se baseia na precária informação disponível na imprensa brasileira. O que não impede pelo menos alguns comentários pontuais:

1) Chama atenção que os primeiros refugiados tenham pulado seus muros precisamente no mesmo dia em que os albaneses de Kossovo proclamavam que aquela Região Autônoma passava a ser uma República dentro dos quadros da Federação Iugoslava — decisão que o governo de Belgrado contestou truculentamente, com o fechamento da Assembléia em Kossovo.

2) Chama atenção que o episódio coincidiu com o exame, pela Conferência de Helsinque, do pedido de admissão de Tirana — pedido que, aliás, terminou aceito.

3) Chama atenção que os refugiados, 4.500 segundo as últimas informações, correspondem a exatamente 0,14% da população albanesa. A título de comparação, Cuba, com uma população três vezes maior, exportou para os EUA em 1983 um número de refugiados 22 vezes maior — e até hoje o Tio Sam lamenta publicamente ter aceito aquela gente.

4) Chamam atenção, por fim, as manifestações de 100 mil e 120 mil pessoas (números da imprensa brasileira), nos dias 14 e 15, em apoio ao poder popular albanês. Não é pouca gente, quando se sabe que Tirana tem 250 mil habitantes.

### O socialismo é um combate

Minha conclusão não é que a Albânia vive no melhor dos mundos. A "crise das embaixadas" preocupa, porque pela primeira vez uma armação anti-socialista e anti-albanesa como essa encontrou algum apoio de massas no interior do país — ainda que restrito aos 0,14%.

É sinal, possivelmente, de que será necessário reforçar as doses do tratamento cotidiano para prevenir o retrocesso. O socialismo é combate, é luta de classes, permanente e encarniçada.

## Tirana: o povo tomou partido

A chamada "crise das embaixadas" na Albânia, que envolveu cerca de 4.500 refugiados, provocou invulgar euforia nos meios de comunicação dominados pela burguesia e orientados pela ideologia neoliberal, mas teve um desfecho que os decepcionou. Em torno de 150 mil albaneses reuniram-se na praça principal de Tirana, dia 14, numa manifestação de apoio ao regime socialista e repúdio aos que abandonavam o país. Além de se constituir numa demonstração inequívoca de que o governo contava e conta com amplo e majoritário apoio popular, (a convocação se restringiu à capital) o episódio marca uma diferença radical em relação aos acontecimentos que resultaram na vergonhosa queda dos desmoralizados regimes revisionistas do Leste europeu.

É sintomático que após tal ato, que indicou a direção principal dos interesses do povo, a nossa grande imprensa tenha substituído o ufanismo neoliberal, com comentários temperados pelo sensacionalismo e análises apressadas que davam conta da iminente queda do "último reduto comunista da Europa", adotando um prudente e acanhado silêncio.

### Quantos milhões?

O jornal dos Frias, a "Folha de São Paulo", cujo correspondente gabava-se de ser um entre centenas de jornalistas que foram cobrir enfim o anunciado "fim da história", enquanto os acontecimentos estavam em curso buscava dimensionar (ou superdimensionar) os fatos com precisão matemática, assegurando que a proporção de refugiados nas embaixadas corresponderia no Brasil a um contingente de aproximadamente 200 mil.

A conhecida obsessão pela estatística no jornal dos Frias estranhamente não se manifestou em relação ao ato de apoio ao regime, que mobilizou um número equivalente a metade da população de Tirana (240 mil) e, se adotamos o "científico" método da analogia proporcional, a cerca de 5 milhões em São Paulo.

O respeitável diário também se absteve de comentar o significado da manifestação e, certamente para manter aparências (afinal, jornalismo "objetivo" e "imparcial" tem seu preço), noticiou o fato com indisfarçável má vontade, num seco, modesto e econômico texto-legenda — umas quatro linhas, se muito, em duas colunas.

### O discurso da história

No entanto, a história faz seu próprio discurso sem pedir licença aos ideólogos. E o interesse da ciência, da verdade assim como o respeito aos fatos exige que se medite sobre os acontecimentos na Albânia de uma maneira multilateral, não para adequá-los às nossas idéias e fantasias



Trabalhadores albaneses: resistência na luta pelo socialismo

mas para entendê-los no contexto da época.

E, em primeiro-lugar, cabe ressaltar a fundamental diferença em relação aos episódios que marcaram a derrocada dos governos revisionistas no Leste europeu. Por mais que se tenha pretendido, a chamada "crise das embaixadas" não foi um "exemplo bem claro de como uma classe dirigente conseguiu isolar-se do resto da população", conforme o comentário feito, entre outras publicações, pela revista "Visão" (nº 29).

Pelo contrário, a gigantesca manifestação em Tirana, dia 14, evidenciou que partido e governo na Albânia possuem fortes e profundos vínculos com o povo. Não há por onde escapar a esta constatação, que forçosamente conduz também a uma outra conclusão: a de que o processo em curso no país não é o mesmo que se verificou e se verifica na Polônia, Hungria, Alemanha Oriental, URSS e outros do Leste europeu. Em qual desses países os trabalhadores saíram às ruas em defesa do regime, aliás em qual deles não afluíram em massa aos atos contra a desmoralizada direção revisionista?

A solução encontrada pelo governo albanês para a crise também decepcionou os que esperavam sabotar o processo de democratização da sociedade e aguardavam uma saída "autoritária". Não houve tanques nas ruas, nem derramamento de sangue. O problema foi encarado e resolvido de uma maneira pacífica e democrática.

### Deficiências objetivas

Porém, seríamos também unilateralmente se enxergássemos nos fatos apenas aquilo que eles possuem de positivo à nossa propaganda e idéias. A compreensão da história demanda renúncia a todo tipo de idealismo e

ilusão. Os acontecimentos revelaram deficiências e problemas de razoáveis dimensões para o socialismo na Albânia.

Nada de muito surpreendente. Não obstante o notável desenvolvimento econômico do país desde o pós-guerra, o nível alcançado pelas forças produtivas na sociedade albanesa é ainda demasiadamente baixo e, mesmo comportando relações de produção socialistas, está aquém da época, ao passo que as aspirações e necessidades dos indivíduos na atualidade estão se universalizando.

Nessas condições, o próprio desenvolvimento ulterior das relações socialistas (na produção e na sociedade como um todo) encontra fortes obstáculos e limites, substancialmente agravados pelo fato de que a Albânia a rigor resiste sozinha num período histórico caracterizado por uma trágica e desnorteante derrota do socialismo. Trata-se de uma heróica resistência, uma trincheira da consciência humana, do que esta tem de mais nobre e elevado à época, contra o vendaval neoliberal e anticomunista, mas não devemos idealizar as condições em que ocorre tal resistência e pintar a realidade com cores que ela não possui, da mesma forma que não é prudente subestimar a ação velada ou ostensiva do imperialismo contra o governo, o partido e o povo da Albânia, especialmente agora que se busca ampliar as liberdades, corrigir erros e deformações, e incorporar mais e mais os trabalhadores na direção do Estado e da sociedade. A sofriguão com que a imprensa burguesa apropriou-se da "crise das embaixadas" é uma pequena amostra do estado de espírito da burguesia em relação ao socialismo albanês, mas este provou que tem capacidade e disposição para a resistência e que não tende à capitulação. (Umberto Martins)



# O momento exige maior vigilância

**Como decorrência da democratização da sociedade "é natural que entremos numa nova luta de classes com forças reacionárias internas e externas, que querem impedir e minar o nosso desenvolvimento", observou o primeiro secretário do CC do PTA, Ramiz Alia, durante a 11ª reunião plenária do CC do partido, que analisa a invasão das embaixadas em Tirana. Abaixo, a íntegra do pronunciamento de Alia.**

Camaradas:

O progresso do país e a garantia da liberdade do povo exigem hoje que todos permaneçamos de pé e com os olhos abertos. Devemos acompanhar atentamente a situação que nos cerca e sobretudo as políticas atuais que algumas forças determinadas seguem em relação à Albânia.

Assim como constatamos com satisfação que a opinião pública internacional em geral avaliou com justeza as últimas medidas que tomamos para a ulterior democratização do país e vê com confiança que a Albânia, segundo as suas condições específicas, marchará adiante, nesse sentido, observamos que há também forças que querem impedir esse desenvolvimento e mudar sua direção, introduzi-la num beco sem saída e sem perspectiva.

## Forças Anticomunistas

O mal é que essas forças agora encontraram algum apoio, consciente ou não, também dentro do país, o que se expressou claramente nos recentes acontecimentos diante das embaixadas estrangeiras em Tirana.

Nós aprovamos a lei para a concessão de passaportes a todos os cidadãos que o requisitem. É uma medida inteiramente democrática que foi saudada por todo o povo. Mas ocorreu que, imediatamente, sem ler bem a lei, alguns indivíduos começaram entrar à força nas embaixadas estrangeiras. Naturalmente surge a questão: por que essa corrida às embaixadas estrangeiras quando as portas para sair do país estão abertas, e quem o deseja.

É claro que procura-se criar desconfiança em relação à própria lei e às medidas que foram e que serão tomadas no caminho da democratização, medidas que o partido escolheu e decidiu levar até o fim. Seguramente as pessoas que pedem abrigo nas embaixadas não são patriotas. Nada pode justificar seu ato. Podemos ser pobres, sem dúvidas temos dificuldades e deficiências, mas jamais as preocupações dos albaneses foram resolvidas pelos estrangeiros. Somente nós, o povo albanês, e ninguém mais, podemos construir e fazer progredir o país.

Mas aparece claramente que aqui não

me refiro a esses elementos desorientados, mas àqueles que estão por detrás destes, dentro e fora do país. Os objetivos e as ações dessas forças destrutivas, antidemocráticas e antialbanesas são de longo alcance. Elas pretendem criar um espírito geral de desconfiança em relação às medidas que tomamos e tomaremos, ligadas à democratização da vida do país, criar uma tensão política artificial, a fim de que, se for possível, a situação seja levada a um confronto entre o poder e as massas. O partido, cada comunista, cada patriota, cada cidadão de nosso país deve compreender bem esses objetivos dos inimigos. Portanto, compreender que aqui não se trata de um passaporte, de uma crítica, de uma deficiência, mas assaltar o poder do povo e liquidar a liberdade e a independência do país. Ninguém deve esquecer isto jamais, por isto não há lugar nem para indiferentismo, nem para bondade, nem para subestimação das situações.

## Democratização

Como disse acima, a democratização da vida do país se desenvolve em algumas direções, na economia, no poder, na cultura, no quadro dirigente e na própria política do partido.

Logicamente demos prioridade com justeza à aplicação das medidas no campo da economia, que não apenas conduzem ao seu progresso mas influenciam diretamente na democratização de toda a vida do país.

Mas estas medidas serão aplicadas gradualmente e a partir do início do ano que vem entrarão plenamente em vigor. No campo da economia, a decisão que tomaremos para a organização e o aperfeiçoamento dos serviços e do artesanato conduzirá a uma verdadeira revolução neste campo.

Atualmente, trabalha-se para a elaboração de uma nova lei eleitoral na Assembleia Popular, a qual visará democratizar a instituição fundamental de poder popular. É possível imaginar a grande influência que esta ação exercerá nas relações políticas e sociais. No primeiro semestre do próximo ano realizaremos o congresso do partido, que não apenas fará o balanço das medidas tomadas até então, mas definirá os rumos de uma democratização ainda maior da vida do país, assim como as medidas para sua aplicação.

Como se vê, pensamos que todas as mudanças ou ajustes necessários devem ser feitas em completa harmonia para não criar nenhum vácuo em nenhum campo, devem-se fazer pelos caminhos normais, sem pressa e improvisações, evitando desproporções e contrapesos.

Começando pela economia como campo prioritário, e básico, para todas as demais mudanças, partimos de nossa realidade, mas levamos em conta também algu-



O primeiro secretário do CC do PTA diz que o país continuará marchando em direção à democracia e ao socialismo.

mas experiências amargas em outros países que foram apanhados de surpresas.

Entre todas as diretrizes e ações há um equilíbrio que deve ser mantido, do contrário cairíamos numa espontaneidade perigosa e numa anarquia incorrigível. Além disto, tais mudanças não se fazem nem dentro de um dia nem com uma só ofensiva, sem pensar profundamente, sem coordená-las bem, sem estudar e analisar as condições objetivas, sem ouvir a opinião do povo, sem preparar os aspectos técnicos da aplicação etc. Os que exigem o contrário, seja mostrando-se superdemocráticos e super-radicais, não querem a democracia, mas obstaculizá-la e destruí-la, não querem o progresso do país mas sua destruição.

O povo albanês é caracterizado pela prudência, pela avaliação realista das situações e não pela pressa anarquista. Ele nunca caiu nem cairá em provocações, nem entrará nas armadilhas antidemocráticas com que se depara. Ainda mais quando as ações destrutivas como as de 2 de julho em Tirana têm um acentuado objetivo antinacional, onde aparece claramente a mão e o incentivo do exterior.

## Kosovo

É conhecido o fato de que a estabilidade

da Albânia, seu desenvolvimento harmônico, sua democratização ulterior constituem uma ajuda e um grande apoio para os albaneses de Kossova, sobretudo hoje quando eles lutam com uma coragem legendária para conquistar a autonomia e os direitos nacionais que lhes cabem.

Há forças que se apresentam como democratas, humanistas etc, mas que de fato são reacionárias e obscurantistas, que não querem ver os albaneses unidos, como foram sempre, mas divididos e lutando entre si. Mas os albaneses, assim como sempre nos momentos chaves de sua história, saberão enfrentar tanto os inimigos externos como os traidores internos. O seu ideal de liberdade, independência, soberania e justiça, de dignidade nacional e individual, não pode ser abalado por nenhuma pressão, por nenhuma força.

Apesar disto, não devemos subestimar nenhuma ação hostil venha de onde vier. todos devem cumprir a sua tarefa: os órgãos do partido, as organizações de massa, os patriotas e ativistas sociais, a fim de esclarecer a política do partido e de nosso Estado, as famílias para educar seus filhos com verdadeiro amor à pátria e sentimento de cidadania honrada, os órgãos do poder para defender a legalidade e aplicar a lei.

## Vigilância

Todos aqueles que são pelo progresso do país e a liberdade do povo devem estar de pé e vigilantes. Em nosso país a unidade do povo foi criada em muitas lutas nacionais e sociais. Agora devemos manter esta unidade lutando contra todos aqueles que pretendem nos afastar de nosso caminho, contra todos os que desejam colocar em questão não apenas as nossas vitórias políticas e sociais conquistadas até agora, mas também o nosso futuro como povo e nação.

À guisa de conclusão queria dizer e desejo acentuar com ênfase que não importamos, nem nos foi imposto por ninguém o processo de democratização da vida do país. Iniciamos este processo nós próprios, partindo das condições e das necessidades de nossa sociedade socialista, da nova etapa de seu crescimento e desenvolvimento.

É natural que entremos numa nova luta de classes com forças reacionárias internas e externas, que querem impedir e minar este desenvolvimento. Por isto não nos surpreende nem nos inquieta qualquer bandeira que levantem e qualquer palavra-de-ordem com que nos combatam. Do mesmo modo não nos deve surpreender o aparecimento de vagabundos ou demagogos, servís e especuladores de bar, que nunca deixaram e nunca deixarão de surgir como cogumelos depois da chuva. A demagogia política, a instrumentalização ideológica e a manipulação da opinião pública constituem hoje os meios preferidos de luta contra os ideais socialistas, contra a democracia de massas e o verdadeiro patriotismo.

Mas sejam quais forem as pressões que nos façam devemos permanecer fortes nas posições de princípio, devemos manter o sangue frio e a prudência e especialmente manter a clareza da perspectiva. O caminho das mudanças que iniciamos não tem retorno. Mas hoje a importância fundamental está em que neste caminho as massas sejam dirigidas pelo partido, que foi precisamente quem as introduziu nele. Ninguém, nenhuma força em nosso país, nenhuma interferência do exterior poderá realizar nem a democracia verdadeira, nem os direitos humanos, nem o progresso do país e a defesa de sua liberdade e independência, senão o partido, senão o nosso povo unido em torno dele.

Levantemos cada vez mais alto o espírito de combate, trabalheemos com decisão e coragem, sem poupar trabalho, pensamento e energia, pela causa do povo, pela causa da liberdade e da independência da pátria, pela causa do socialismo. Viva o nosso heróico povo e o nosso glorioso partido.

# PCdoB: povo defenderá socialismo

A ocupação das embaixadas estrangeiras na Albânia nada tem de comum com os tumultos ocorridos no Leste europeu que resultaram na queda dos governos revisionistas, conforme a avaliação feita pela direção nacional do PCdoB, que divulgou a seguinte nota sobre os recentes acontecimentos em Tirana:

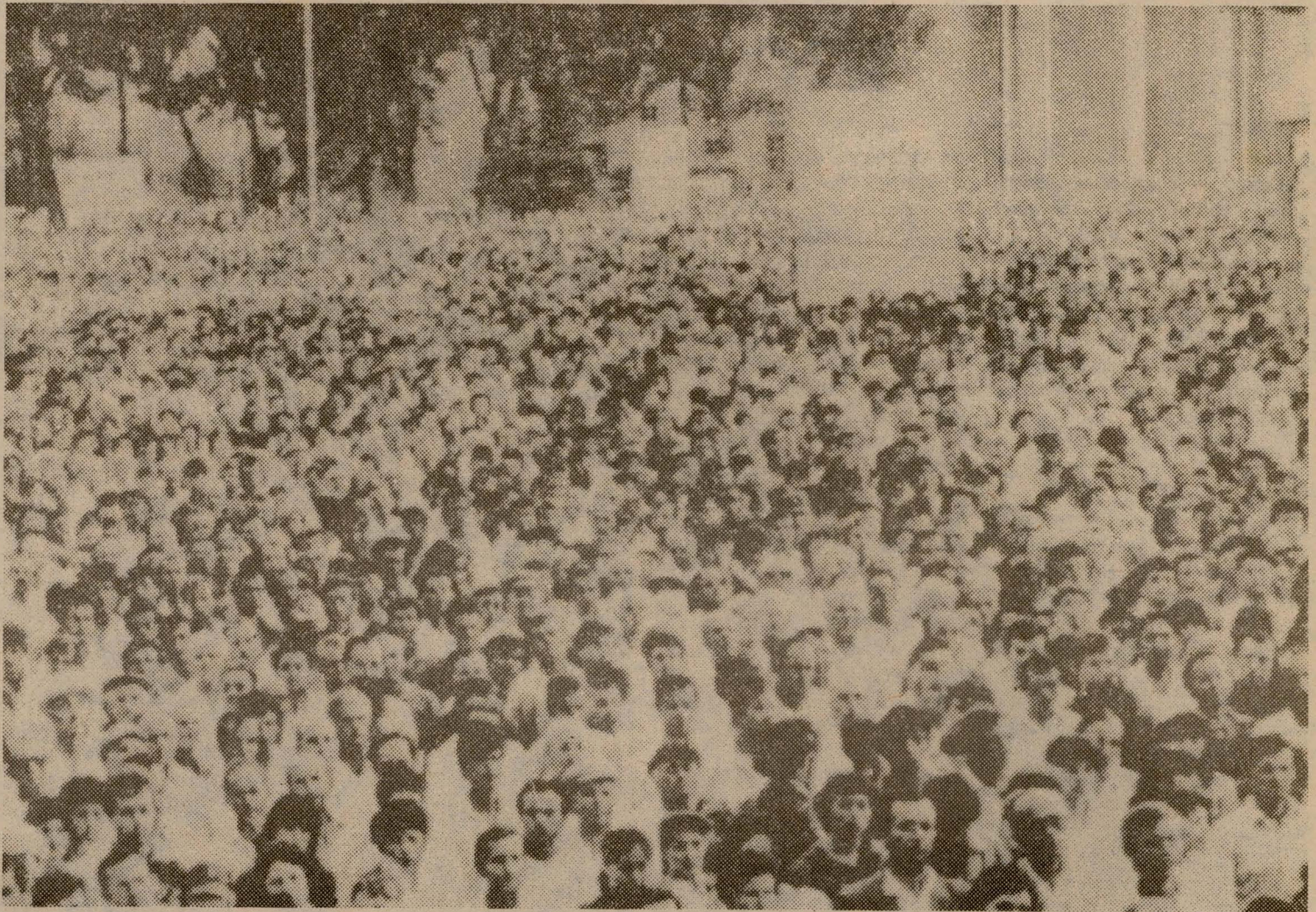
Nos últimos dias a opinião pública foi surpreendida com insistente noticiário veiculado pela imprensa e redes de televisão sobre a ocorrência de distúrbios políticos na Albânia. Milhares de pessoas, pretextando o exercício do direito de sair do país, ocuparam sedes de embaixadas estrangeiras nas capital, Tirana.

Recorrendo à técnica da desinformação, a mídia apresenta os fatos de modo deformado. Alude-se ao uso de repressão violenta por parte do governo, o que, positivamente, segundo informações provenientes de Tirana, não sucedeu.

Os analistas de política internacional distorcem seus comentários e insinuam semelhanças entre os episódios destes dias na Albânia e os tumultos ocorridos no Leste europeu. A ocupação de embaixadas estrangeiras na capital albanesa, porém, nada tem de comum com a derrocada dos Governos revisionistas na Europa Oriental.

Em maio último, a Assembleia Popular da Albânia, órgão supremo do poder político daquele país, aprovou uma lei que entrou em vigor imediatamente, segundo a qual o Estado se obriga a conceder passaporte e permitir a saída do país a qualquer cidadão que o deseje.

O movimento dos refugiados nas embaixadas em Tirana chama ainda mais a atenção e torna-se suspeito, quando se verifica que recentemente o governo albanês e o Partido do Trabalho da Albânia adotaram uma série de medidas visando democratizar a vida do país, reforçar a economia socialista e ampliar as relações com o exterior. As últimas reuniões plenárias do Comitê Central do



Para decepção dos círculos imperialistas e dos propagandistas burgueses, mais de 50% da população de Tirana foi à praça manifestar seu apoio ao partido e ao governo

PTA (8ª, 9ª e 10ª) aprovaram documentos condenando o burocratismo, o centralismo exagerado e formulando conceitos inovadores sobre a proeminência do papel das massas populares e de suas organizações representativas na vida social e na atividade estatal.

Assim, os fatos demonstram que o movimento dos refugiados em Tirana não tem a ver simplesmente com o desejo de sair do país ou com insatisfações localizadas no seio da população, geradas por deficiências objetivas do regime socialista e dificuldades momentâneas que atravessa a Albânia.

Nos episódios dos últimos dias em Tirana pode-se ver a maquinação de forças reacionárias, anticomunistas e antialbanesas de dentro e de fora do país. Tem-se a clara impressão de que se pretende criar um clima artificial de confronto político entre o governo, o Partido do Trabalho e a população albanesa, a fim de justificar ulteriores

ações provocadoras e intervencionistas das forças da reação.

A nosso ver, trata-se de um movimento contra-revolucionário, que se verifica no quadro da brutal ofensiva anti-socialista em curso no mundo contemporâneo.

Os comunistas somos partidários da democracia socialista, da intensa participação das massas trabalhadoras no ato de governar um país. A vocação socialista, desde Marx, é libertária, nosso ideal é emancipar a humanidade de todo tipo de opressão, exploração, discriminação e preconceito. Portanto, não nos identificamos com a tirania e a repressão. Mas, por outro lado, temos responsabilidades históricas, não somos liberais-burgueses, e não nos iludimos com a fúria e a virulência dos ataques dos inimigos do socialismo. Nem muito menos acalentamos vãs ilusões quanto ao desenvolvimento da luta de classes no mundo de hoje, que assume formas políticas as mais

diversas, ora cruentas ora in-cruentas.

Por isso, nos momentos de impasses e dificuldades na trajetória histórica, os revolucionários combinam a prudência com a firmeza, a flexibilidade com a ousadia, a paciência com a coragem.

O PTA e o povo albanês fizeram há quase meio século uma revolução popular, de emancipação nacional e social. Enfrentaram poderosos inimigos, como os exércitos de Hitler e Mussolini numa guerra de cinco anos. Durante a construção do socialismo arrostaram imensas dificuldades, abnegadamente fizeram sacrifícios em nome da construção de uma pátria democrática, independente, justa, livre e soberana. Deparam-se nessa caminhada com provocações, ameaças, tentativas de anexação territorial, bloqueio econômico e traições. Sempre saíram vitoriosos porque as massas trabalhadoras, todo o povo, se uniram e mobilizaram em grandes ações de luta em de-

fesa das conquistas revolucionárias.

Agora também, o povo albanês, conduzido pelo PTA, tem condições de mobilizar-se e, unido em grandes ações de massas, dar resposta aos que tentam impedir seu desenvolvimento socialista e soberano.

O episódio das embaixadas estrangeiras em Tirana é um entre muitos da longa e tenaz luta que a burguesia e a reação encetam contra as forças socialistas. Por isso, não pode ser subestimado. Somente com luta, conduzida com clarividência, será possível neutralizar e derrotar a ofensiva anti-socialista.

O PCdoB se solidariza com a luta do povo albanês em defesa do socialismo, da independência e do progresso do país. Expressa seu decidido apoio ao processo de democratização socialista em curso na Albânia.

São Paulo, 10 de julho de 1990  
A Direção Nacional do PCdoB

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois 1990

# Sem luzes no fim do túnel?

**Economistas de diversas tendências concluem, unânimes, que o governo arma uma recessão pior que se pensava, a pretexto de combater a inflação; e que os ônus recairão outra vez sobre os assalariados. Mas a falta de compreensão sobre o momento crucial vivido pelo País ainda leva gente progressista a manter uma visão parcial sobre o problema, e a propor saídas conciliatórias.**

Está surgindo com força, entre teóricos de diversas tendências, uma interpretação nova para o momento econômico intrincado vivido pelo País. Nascida de certas alterações parciais de rumo determinadas pela equipe de assessores de Collor, esta explicação serve objetivamente aos interesses políticos do governo, e é preciso combatê-la em profundidade para evitar que acabe tendo influências perversas sobre a contenda eleitoral que se aproxima. Estas são as conclusões básicas a que chegarão todos aqueles que tiverem acompanhado, nas últimas semanas, o debate acerca do tema publicado pelos meios de comunicação mais influentes.

A nova tendência, que vem obtendo adesão crescente desde que o palácio do Planalto decidiu aplicar de forma aberta o conjunto de medidas exigidas pelos setores mais ativos e impacientes do conservadorismo, apareceu de corpo inteiro no último dia 15, quando o "Jornal do Brasil" publicou a mais recente versão do seu "Balanço Mensal" — um painel com as opiniões de participantes destacados do debate de temas econômicos no País sobre a conjuntura do setor. Pela primeira vez após alguns meses ficou claro que toma fôlego uma corrente de pensamento que reconhece os efeitos sociais desastrosos das medidas adotadas pela ministra Zélia e seus assessores, mas que vê nelas a "única saída" para evitar o caos econômico completo, e para preparar, a médio prazo, a retomada do desenvolvimento. Mais grave, contudo, é que ficou claro que mesmo alguns economistas identificados com partidos e tendências progressistas tendem a não enxergar outra saída a não ser um mal-disfarçado apoio às teses oficiais.

**Grupos conservadores chegaram a propor saída para fracasso do plano**

O debate promovido pelo "Jornal do Brasil" contou com a participação de economistas e cientistas sociais de diversas posições. Lá estava, por exemplo, Mário Henrique Simonsen, ministro do general Geisel e defensor

há anos de uma reforma conservadora do modelo de desenvolvimento adotado pelo País. Não faltava, também, gente como César Maia e Plínio Sampaio Jr., que integram o primeiro time das assessorias econômicas do PDT e do PT, respectivamente. Além destes, participaram da polêmica os economistas Rogério Werneck, Edmar Bacha e Dionísio Carneiro (da PUC-RJ), Paul Singer, da USP e do secretariado da prefeitura de São Paulo, Luíza Erundina, e o cientista político Sérgio Abrantes, da empresa Sócio Dinâmica Aplicada.

Se tivesse ocorrido há dois meses o encontro provavelmente teria terminado com uma conclusão unânime: a de que o governo Collor projetava o País rumo a uma conjuntura em que se sobreporiam a diminuição da atividade econômica e o fracasso dos programas de combate à inflação. Foi mais ou menos nesta época, aliás, que surgiram com força idéias como a da formação de uma "frente pela governabilidade", para impedir que, após um eventual naufrágio dos planos econômicos de Collor, sobreviesse também um debacle de graves proporções para as forças de centro e centro-direita.

**Rogério Werneck prevê hoje queda de 25% na produção, no 4º semestre**

Desta vez, contudo, as coisas foram diferentes, em um sentido pelo menos. Tanto os debatedores do "bloco progressista" quanto os que têm sua trajetória marcada pelo apelo às posições mais conservadoras coincidiram em assegurar que o País caminha para uma recessão provavelmente mais grave que a vivida em 1981-83, a mais profunda da história até o momento. César Maia, do PDT, afirmou que o governo "não pode abrir mão de um quadro hiper-recessivo", e Rogério Werneck, da PUC-RJ, chegou a arriscar uma projeção numérica: para ele, a queda da atividade industrial no 4º trimestre do ano deverá ser de cerca de 25% em relação ao 3º trimestre, o que caracterizaria o início de uma "queda brutal do produto" logo após a realização das eleições. Paul Singer, mais à esquerda, chegou a falar num "cenário tenebroso", em que aumenta o desemprego, muitas empresas quebram, e certos setores do capital, mesmo realizando lucros extraordinários, relutam em partir para novos investimentos.

Além disso, houve coincidência também quanto à alavanca principal que o governo pretende acionar para obter o conjunto de resultados que inclui recessão sem precedentes. O mesmo Paul Singer falou em "fantás-

tica transferência de renda, dos salários para os lucros". E foi secundado por Edmar Bacha, ex-presidente do IBGE, para quem a novidade principal da política econômica do governo, nas últimas semanas, é um arrocho salarial que "causa grandes distorções".

A surpresa, contudo, ficou por conta da opinião do ex-ministro Mário Henrique Simonsen. Ele não relutou em dizer que o governo ensaia, no momento uma "segunda onda" de sua política de combate à inflação, e em opinar, ao contrário do que fez no início da atual administração, que esta nova fase apóia-se essencialmente "no não-reajuste de salários". Mais que isso, Simonsen chegou a reconhecer que "politicamente é muito difícil aceitar a idéia de que só os salários não estão sujeitos à indexação".

**Até Simonsen concorda: governo quer redução recorde nos salários**

As semelhanças na avaliação dos economistas, contudo, terminam por aí. Porque o debate promovido pelo "Jornal do Brasil" mostrou também que a direita entusiasma-se com os sinais de queda da inflação que vão surgindo no horizonte econômico; que a mesma direita defende abertamente a recessão se ela puder resultar numa queda da tendência à aceleração inflacionária; e que mesmo alguns representantes das posições mais progressistas têm dificuldades de se contrapor a estas opiniões.

Dionísio Carneiro, da PUC-RJ, garantiu por exemplo que o governo superou a "queda de credibilidade" de que padecia há cerca de um mês, alegrou-se porque "hoje é possível prever uma taxa de inflação mais baixo para agosto" e comemorou: "muitos aumentos que já foram feitos terão de ser revertidos por falta de demanda". E Simonsen também se sentiu à vontade para assegurar que há uma tendência "à contenção da alta de preços".

Porém, quem se propôs a arriscar um palpite sobre os objetivos políticos da idéia reduzir a inflação através de uma queda dramática dos níveis de atividade econômica foi Sérgio Abrantes. Ele previu uma "pulverização" do quadro político após o pleito, e ressaltou que antevê um quadro em que não haverá a formação de bancadas fortes identificadas com a oposição. Lembrou que a, se consolidar tal hipótese, o governo passaria a ocupar posto privilegiado no cenário nacional, de onde estaria à vontade para "negociar e formar maioria". E revelou que o objetivo de tal estra-



**Subempregados tentam sobreviver em S.Paulo. Setores da própria direita admitem queda brutal na atividade econômica**

tégia é levar as forças progressistas a aceitar um acordo desastroso. "A oposição precisa definir em que bases aceita negociar. Em nenhum país do mundo houve um pacto que não contivesse salários", lembrou.

**Objetivo de Collor é ganhar eleição e forçar esquerda a um acordo**

As declarações do economista César Maia, do PDT, assumem neste contexto um caráter preocupante. Aparentemente, Maia é incapaz de vislumbrar outra alternativa a não ser aceitar o acordo proposto por Sérgio Abrantes. Sem considerar a hipótese da denúncia, pela oposição, do caráter antipopular da atual política econômica e de uma vitória indiscutível nas urnas, que forçasse o governo a um recuo, Maia sugere que as forças de esquerda procurem o palácio do Planalto para um "pacto de governabilidade". Para piorar, cita como modelo o "Pacto de Moncloa", que, assinado na Espanha no início da década passada, levou as correntes progressistas daquele país a assumirem um papel de colaboradoras nos projetos

políticos e econômicos da burguesia espanhola.

O próprio economista Plínio Sampaio Jr., do PT, chega a defender que se realize, após o pleito, uma "ampla negociação" acerca da política econômica, que teria como finalidade "abrir novas frentes de expansão da economia brasileira" mas seria convocado "por iniciativa do governo".

**Setores progressistas desarmados, desprezam oportunidade eleitoral**

Fica claro, por tudo que se viu, que o governo Collor não enxerga outra alternativa, a não ser a recessão, para alcançar um mínimo de estabilidade econômica; mas que as forças progressistas precisam aprofundar a crítica a esta alternativa, sob pena de se isolarem ou, ainda pior, de perderem identidade oposicionista clara. Não se fará, contudo, a contestação consistente ao projeto de desenvolvimento de Collor quem não compreendê-lo em detalhes, e em seus múltiplos aspectos. É a este estudo que estarão dedicadas estas páginas, na próxima edição da **Classe**.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

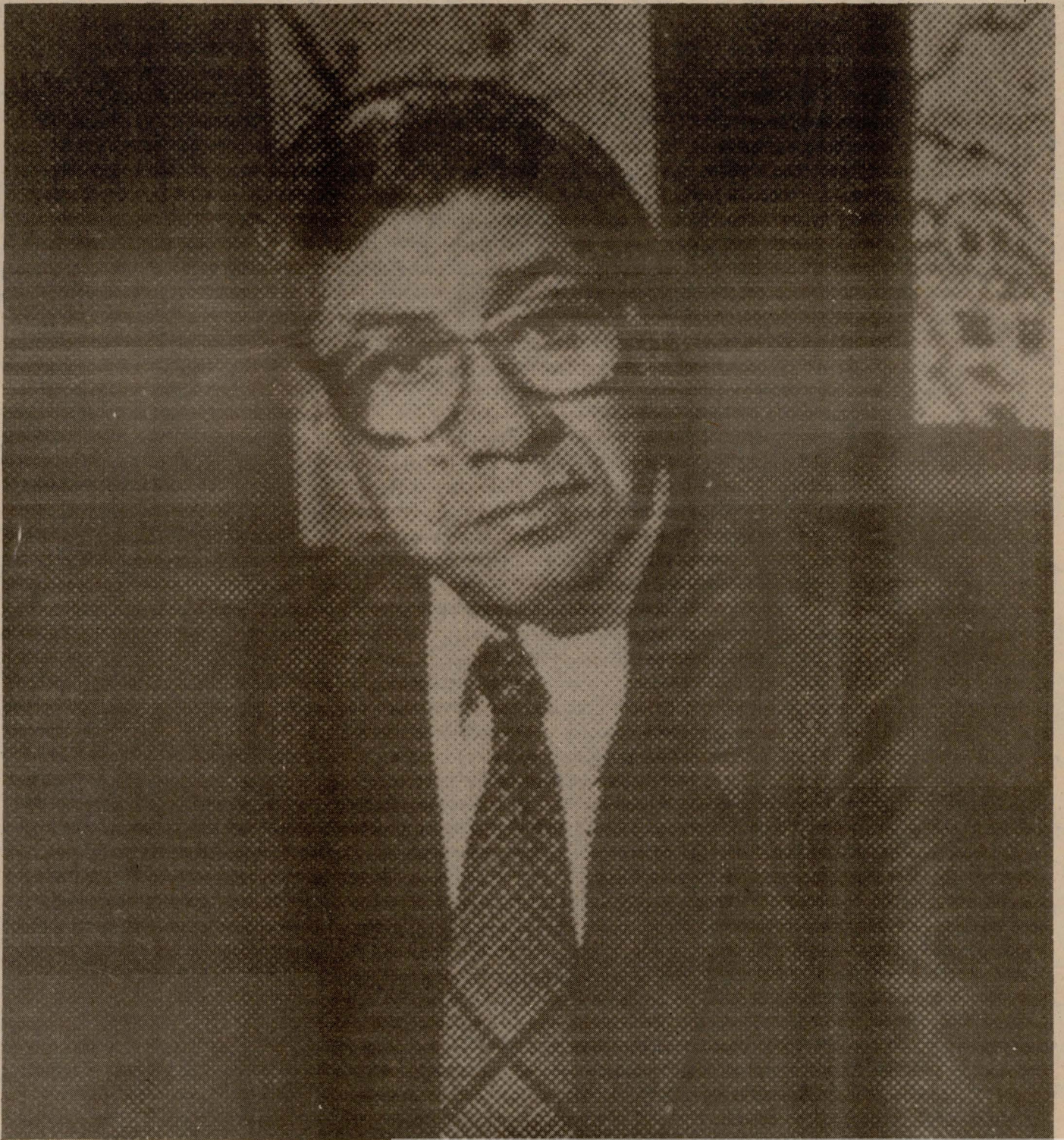
Alceu Collares

# Frente Progressista Gaúcha defende o "povo grande do sul"

Por Adriana Morell

Arquivo

Alceu Collares, candidato ao governo do Estado do Rio Grande do Sul pela Frente Progressista Gaúcha (PDT, PCdoB e PSDB), é a oportunidade de revanche do povo. Sua candidatura é a herança legada pela unidade popular forjada na eleição de 89. Collares nasceu em Bagé, filho de pais pobres, foi quitandeiro, condutor de malas, entregador de telegramas, telegrafista, advogado, vereador, deputado federal e prefeito de Porto Alegre. É o atual secretário-geral da Executiva Nacional do Partido Democrático Trabalhista, depois de ter sido presidente regional, vice-presidente nacional e secretário do PDT. Também foi fundador e primeiro presidente do Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais Pedroso Horta, do ex-MDB. Sempre foi o deputado federal mais votado no Rio Grande do Sul. Em 1970 elegeram-se com 75 mil votos, em 1974, com 114 mil e em 78, consagrou-se com 120 mil votos do eleitorado gaúcho. Em sua atuação, se destacam projetos de salário mínimo justo, política salarial digna, seguro-desemprego, estabilidade no emprego, defesa dos segurados da Previdência Social, do servidor público e regulamentação de diversas profissões. É autor da Lei do inquilinato e, como prefeito da capital, construiu obras para humanizar o desenho da cidade. Sua administração aproveitou, por exemplo, 100 hectares de área abandonada para realizar a avenida Beira-Rio, que devolveu o Pôr-do-Sol e o rio Guaíba aos porto-alegrenses. Descontraído, Collares fala de política com a intimidade de quem conhece o povo. A trajetória de parlamentar e administrador público não lhe roubou o encanto pela vida. Ele não teve medo de unir o povo.



**Classe: — Como classifica o governo Collor? E como se deve enfrentá-lo?**

**Collares:** O que se observa no Governo Collor é uma vocação para o nepotismo. Ele agrediu a todos e a tudo, de forma inusitada, com medidas provisórias atingindo a Constituição, proibindo que o Poder Judiciário concedesse liminares e medidas cautelares. Mais do que isso, praticando uma brutalidade ao congelar os valores da poupança nacional, retirando de

circulação a liquidez da moeda. Com isso, é grande o caos na economia. É a dimensão da incompetência e da irresponsabilidade. Se Collor e sua equipe tivessem noção de administração pública não teriam virado a economia de patas para cima, desregulamentando totalmente a produção no País, gerando uma recessão violenta que atinge de maneira brutal a classe operária. Ele arrochou, mais do que no período

do militarismo, o salário dos trabalhadores. E como que fazendo um escárnio aos trabalhadores, fala na livre negociação. Que livre negociação pode existir quando o trabalhador está com a guilhotina do desemprego sobre o pescoço? Qualquer um dos candidatos a presidente se eleito, teria que tomar medidas fortes de combate à hiperinflação que desorganizava os setores produtivos e financeiros do País. A dife-

rença é que Collor, seguindo a Escola monetarista iniciada por Gouveia de Bulhões, Roberto Campos, Delfim Neto, Mário Henrique Simonsen e outros, imagina que pode combater a inflação alterando a velocidade da moeda, no momento em que a inflação já é famosa e desastrosa monetarista. Se nós ti-

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois





véssemos escolhido o Brizola ou o Lula para a presidência, teríamos que tomar medidas e as tomaríamos, mas seriam no campo estruturalista, combatendo as causas da inflação a partir do déficit público, da dívida externa e da reforma agrária. Certamente o processo seria mais demorado, mas os resultados do combate à inflação seriam permanentes. Jamais seria esta louca aventura do Collor de Mello, onde se dimensiona a sua absoluta irresponsabilidade. Mais do que isso, com esse método despótico, as decisões do atual presidente caracterizam o fracasso das suas medidas e seu índice de popularidade se reduz. Ele pode tentar medidas de desespero, procurando atingir as instituições e fazendo surgir um novo Somoza. Por isso é essencial que o povo brasileiro escolha governadores da oposição, para se tentar um equilíbrio da correlação das forças políticas. E se porventura, num determinado momento, Collor tentar um golpe de Estado, terá os governadores enfrentando-o e impedindo que caiamos em mais uma longa noite do obscurantismo. Daí a importância dessas eleições para o governo dos estados e também para as assembleias legislativas e o Congresso Nacional. A futura composição do Congresso tem a responsabilidade não apenas de elaborar leis complementares e a legislação ordinária, dando conseqüência a alguns avanços existentes na atual Constituição, mas criando a possibilidade de alterar vários institutos eminentemente conservadores dessa carta.

### Classe — Quais são principais?

**Collares:** — O que trata da própria reforma Agrária, que na verdade impede que ela se realize. E o plebiscito de 1993 para decidir sobre o regime político presidencialista ou parlamentarista.

### Classe — Você é parlamentarista ou Presidencialista?

**Collares:** — Olha, eu acho o parlamentarismo a forma mais flexível de governo. Mas ele não pode ser uma panacéia para os males econômicos, sociais e políticos do Brasil. Tem que ser abordado a partir de um grande consenso político, como instrumento de governo e não como remédio para as crises, sob pena de nós atingirmos o próprio instituto, desmoralizar o

parlamentarismo, como foi feito em 1961. Nós já tivemos governos parlamentaristas durante o império, convivendo com a escravidão. Então, não é um regime ou outro que vai tirar o País da crise. São os fatores, a partir de uma profunda transformação na estrutura do modelo econômico.



### Classe — Você acha que a situação está amadurecendo nessa direção?

**Collares:** Eu acho que isso passa por uma longa discussão, para que o povo possa se manifestar sobre o regime a ser escolhido.

### Classe — Para se ter Governos de oposição há necessidade de unificar as forças políticas. Como isso pode ocorrer?

**Collares:** — No momento alguns partidos, como o PT e outros, se desviaram dos caminhos apontados pelo próprio povo brasileiro no segundo turno das eleições presidenciais quando, num mesmo palanque, deu-se a unidade do movimento popular, progressista e democrático. Há 50 anos esperávamos por isso. Mas o imediatismo e a arrogância de poucos não permitiu que eles compreendessem a importância do momento político. Brizola, Lula e outros tentaram, mas não conseguiram sensibilizar determinados setores partidários regionais, como é o caso do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro.

### Classe — Quem perde?

**Collares:** — Exatamente a unidade do movimento popular. A divisão desse movimento é de inteira responsabilidade de quem não quis se manter numa coligação ampla, que reconstituísse o palanque do segundo turno.

### Classe — A Frente Progressista Gaúcha (PDT, PSDB e PCdoB) é a herdeira desse movimento?

**Collares:** — A única. Não tenho notícia de que no Brasil alguns partidos tenham compreendido com tanta profundidade a importância sociológica daquele momento. No Rio Grande, a Frente Progressista compreendeu. Os dirigentes do PDT, PCdoB e PSDB foram sensíveis, permitindo que constituíssemos uma oposição sem cumplicidade com o Governo Collor

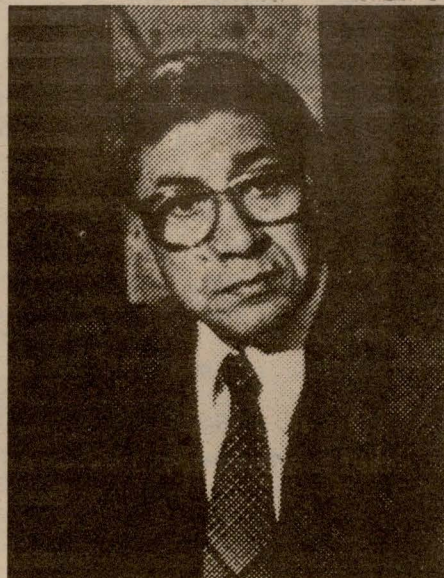
e sem agressão ao movimento popular. Aqui mesmo, quando o Tarso Genro (candidato ao governo da coligação PT, PSB, e PCB) desce o nível da campanha eleitoral para nos agredir, está servindo ao Marchezan (candidato do PDS, PRN e PFL). E o pior é que ele tem consciência disso. Por que faz não se sabe.

### Classe — O povo gaúcho já compreende que o Nelson Marchezan é o candidato do Collor?

**Collares:** — Compreende. Até no tamanho são iguais... (Risos). Não há apenas uma identificação ideológica, há uma identificação física. Os dois são grandalhões e fazem até os mesmos gestos.

### Classe — E o programa de governo da FPG?

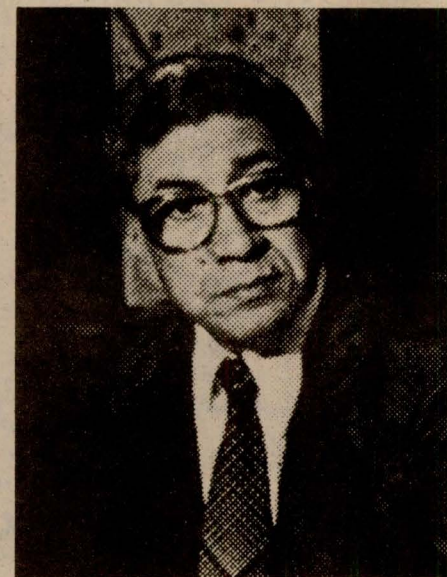
**Collares:** — O importante do programa de governo da Frente Progressista Gaúcha é que nós mudamos a metodologia de elaboração de um programa. Enquanto alguns partidos, inclusive de esquerda, como é o caso do PT, encerram-se em ambientes hermeticamente fechados, com pseudo-iluminados que elaboram tudo bem arrumadinho, mas que não tem nada a ver com a realidade, nem tem a participação



do povo, nós estamos abrindo espaços para ouvir efetivamente as entidades representativas de classe, um arco abrangente dos setores que constituem o povo. E estamos apenas com propostas preliminares para a elaboração de um programa de governo, um projeto chamado "Povo Grande do Sul". Fizemos um primeiro roteiro atingindo dez cidades-pólos: São Leopoldo, Osório, Uruguaiana, Bagé, Pelotas, Caxias do Sul, Palmeira das Missões, Ijuí, Passo Fundo e Santa Maria. Nessas cidades convocamos os companheiros dos três partidos e orientamos como eles deveriam proceder nos dias 17 e 24 de julho, quando acontecem os fóruns municipais de debates em todos os 33 municípios.

### Classe — Quais são as principais propostas preliminares dos três Partidos?

**Collares:** — A FPG fixou suas prioridades, que no entanto, poderão ser modificadas pela participação do povo. Para nós a prioridade das prioridades é a educação.



### Classe — E a saúde, a segurança pública?

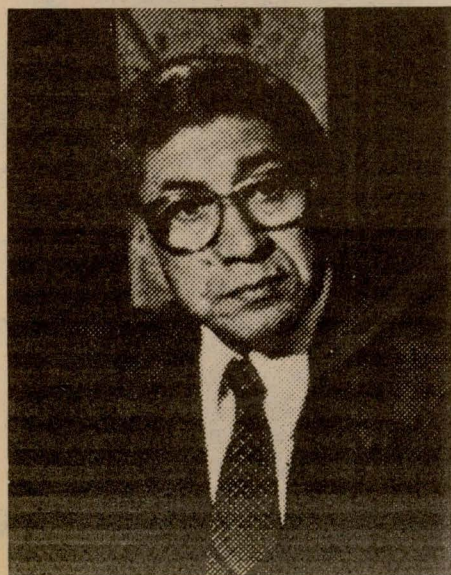
**Collares:** — Três setores abandonados pelo governo Simon (do PMDB): educação, saúde e segurança pública. Ele começou com greve do magistério e terminou com greve. É um "glorioso" governo grevista que sonogou os direitos líquidos e certos dos professores.

### Classe — A preocupação com a segurança pública foi uma das marcas da sua administração municipal. Como vai ser encarada no governo do estado?

**Collares:** — É bom que saibam que os comandantes vêm ficando aqui no gabinete para elaborar a salvação das corporações da Brigada Militar e Polícia Civil. Desde os mais modestos servidores estão preocupados com essas instituições que foram abandonadas, estão em processo de decomposição. Nós estamos pensando em extinguir a Secretaria de Segurança Pública e atribuir maior responsabilidade aos comandos militares, aos delegados de Polícia, para que eles possam desenvolver atividades ostensiva e preventiva de segurança pública, combater os efeitos de grandes causas sociais. Há também, quando falamos em alimentação, educação; saneamento básico, a intenção de combater as causas da criminalidade. O índice de criminalidade é determinado de 60 a 70 por cento pela miséria absoluta, de pessoas que desde a infância são criadas como animais.

### Classe — E o desenvolvimento industrial do Estado?

**Collares:** — Em todos esses assuntos estamos com uma série grande de projetos. Mas, a exemplo do que fizemos durante a administração municipal, vamos governar com os Conselhos Populares. Serão conselhos que terão poder de decisão e fiscalização. Nós queremos também, respeitando uma vocação natural das regiões Geo-Econômicas homogêneas ou afins, (região das Hortências, Litoral, serra, fronteira, planalto médio, campanha e a zona sul), instituir os conselhos regionais, integrados pelos vários segmentos sociais e representações políticas. Essa vai ser a grande novidade da nossa administração municipal. Estamos pensando em resgatar o poder político do Rio Grande do Sul que foi tão devastado pela fraqueza dos governos centrais.



Repressão aos sem-terra — RS

# Chumbo contra a união do povo

**Primeiro os poderosos de Cruz Alta tentaram jogar o povo contra um grupo de sem-terra acampado na cidade. Quando o tiro saiu pela culatra, e os camponeses obtiveram a adesão dos trabalhadores urbanos, a saída foi apelar para a polícia, que reprimiu o movimento a bala.**

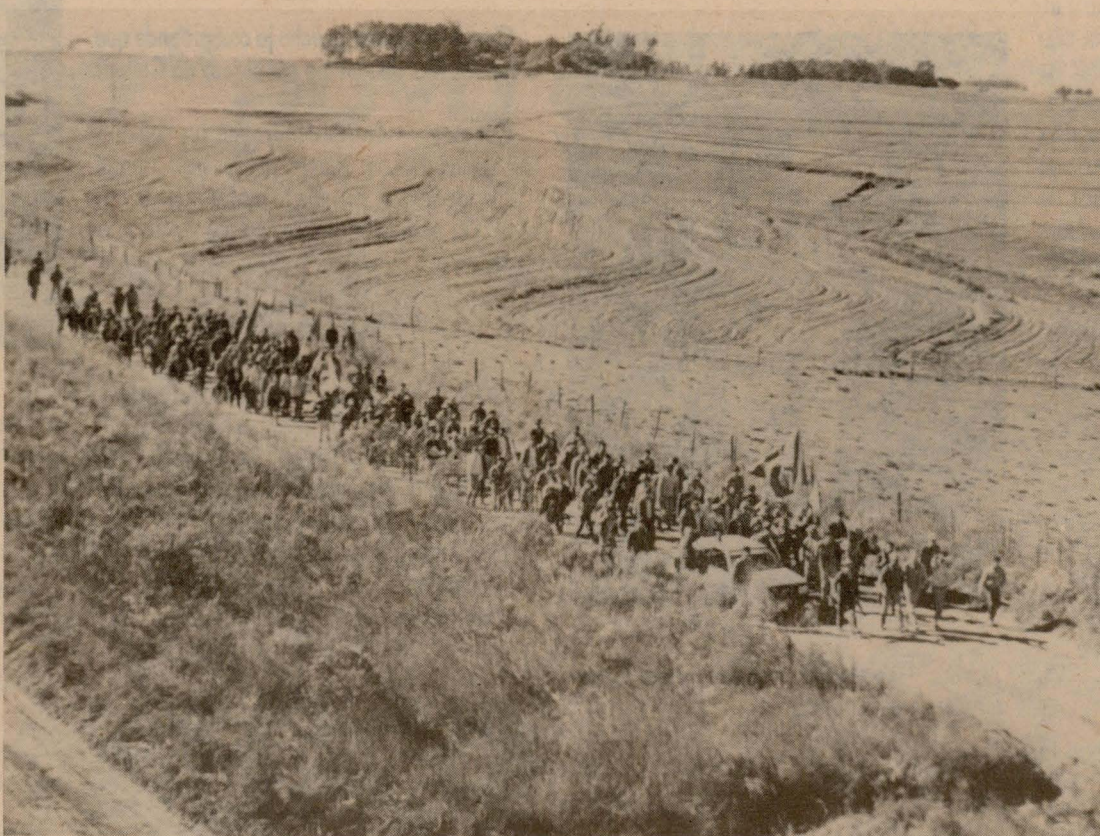
O Rio Grande do Sul escreveu outra página de violência no campo. No feriado do dia 14 de junho, o camponês sem-terra Ivo Lima foi atingido na nuca com os disparos da brigada militar, enquanto seus companheiros foram obrigados a deitar no chão e rastejar aos pés dos pelotões das cidades de Passo Fundo, São Luiz Gonzaga, Cruz Alta e Três Passos. A repressão ocorreu quando cerca de 800 colonos voltavam da cidade de Cruz Alta, na região das missões gaúchas, para um acampamento improvisado na BR 158. O estopim para o ataque, de acordo com a denúncia do vereador do PCdoB naquela cidade, José Martins Taquara, foi o exemplo de unidade popular alcançado pelos colonos. Eles haviam passado o dia nos bairros, discutindo a necessidade de reforma agrária e a conjuntura política do Brasil.

Dez dias antes, os agricultores haviam deixado a fazenda Boa Vista, do Incra, a 50 quilômetros da sede de Cruz Alta, onde aguardavam há oito meses um pedaço de terra para construir suas vidas. Neste acampamento, as 1700 famílias não têm mais alimentos e padecem as doenças causadas pelo frio. No inverno a situação se agrava e aumenta o número de óbitos de crianças.

Os colonos não suportavam mais "aquele inferno", nem as promessas, jamais cumpridas, dos governos federal e estadual. Por isso, determinaram que conseguiriam alimento a qualquer custo.

Depois de caminharem dois dias, chegaram à cidade e acamparam na Praça General Firmino em frente à prefeitura municipal de Cruz Alta. Bastou para atirar as autoridades locais e o governo do estado. Os secretários estaduais de Agricultura e Segurança Pública os receberam prometendo fornecer alimento e interceder em Brasília para a compra das terras, criando novos assentamentos. A promessa de aquisição de mil hectares seria, contudo, algo irrisório, porque daria para assentar menos de 50 famílias, algo como 3% das que estão acampadas. O movimento dos sem-terras estima que seriam necessários 30 mil hectares para o grupo da fazenda Boa Vista e mais 20 mil para as outras famílias espalhadas pelo estado.

Boa parte dos agricultores retor-



"Caminhada da fome". Os colonos deixam o acampamento da Fazenda Boa Vista e rumam para Cruz Alta.

nou à fazenda Boa Vista, do Incra. Entretanto, um dos líderes do movimento, Ênio Bonemberg, afirmou que eles conseguiram a alimentação, "mas o nosso objetivo é maior — a conquista da terra — e se o governo não der uma resposta positiva, vamos discutir uma nova estratégia de ação". Com base nesse entendimento, um grupo de sem-terra decidiu permanecer acampado em Cruz Alta.

A ação dos camponeses deixou de cabelos em pé as elites de Cruz Alta,

estendendo o rancor a todos os conservadores do estado. Não faltaram arquitetadas para indispor os colonos com a população. Mas foi em vão. Agindo de forma ousada, os sem-terra iniciaram um processo de visitas aos bairros e discussão política com os trabalhadores da cidade. O apoio popular e as doações de alimentos e roupas se multiplicaram. Ênio Bonemberg sentenciou: "Vamos nos unir e mostrar que o povo tem força e não suporta mais viver nessas condi-

ções".

A ação da polícia contra os colonos foi precedida pela disseminação de uma onda de boatos. Deslavadamente, alardearam que os sem-terras que se encaminhavam ao acampamento à beira da auto-estrada iriam invadir o parque de exposições da cidade. Pouco depois as tropas reforçadas da brigada militar, que estavam entricheiradas na área comendo e bebendo às custas da União Democrática Ruralista, desfechavam um tiroteio

cego contra os agricultores.

Mas a burguesia, os latifundiários e o governo deixaram marcas da cumplicidade com a violência. Depois que a brigada militar acertou um disparo na nuca de Ivo Lima, o governo do estado transferiu-o às pressas do hospital Santa Lúcia de Cruz Alta para o Moinhos de Deus em Porto Alegre, instituição reservada para o tratamento da elite. O paciente teve paralisado todo o lado direito do corpo.

Não ficou por aí a tentativa de gerar o desespero e revolta, incompatibilizando a população com o movimento dos agricultores sem-terra. O prefeito municipal de Cruz Alta e aliado natural da UDR, Fúlvio Berwanger, usou o vil pretexto de que o acampamento provisório dos colonos, a três quilômetros da cidade, estava contaminando a água, colocando em risco a saúde dos moradores. Nada surpreendente para um prefeito que lamentou não poder intervir mais diretamente no assunto porque os sem-terras estavam instalados próximos à rodovia federal ou em praça pública. Ensandecido pela evacuação das áreas, afirmou que "eles não são dignos de pertencer à sociedade cruz-altense, que não é responsável pelos problemas que estão enfrentando".

Ficou a experiência da unidade do povo no enfrentamento com os poderosos. Enquanto a solução dorme à porta dos palácios, o Partido Comunista do Brasil demonstrou através de seu vereador do Diretório Municipal ou através do apoio direto da candidata a deputada estadual Jussara Cony, o que representa um mandato parlamentar a serviço do povo.

## Ação nefasta da Vale em Carajás

*A Polícia Militar do Pará e a segurança particular da Companhia Vale do Rio Doce — CVRD — desfecharam, em 10 de junho, um violento ataque contra um grupo de camponeses que está instalado há quatro anos em uma área conhecida como "Cinturão Verde", localizada no município de Paraupébas, ao pé da serra dos Carajás.*

*Paraupébas teve seu povoamento iniciado na década de 80, quando também se intensificavam as atividades de exploração mineral da serra dos Carajás. Em menos de dez anos a população já ultrapassou os 50 mil habitantes. Entretanto, os 25 mil hectares do município são quase que monopolizados pela CVRD (que detém 52% da área total) e por grandes pro-*

*prietários (33% das terras). Os minúsculos 15% restantes estão ocupados por médias e pequenas propriedades.*

*Formou-se e aumenta dia a dia, com as levas de migrantes que chegam ao município, um grande contingente de camponeses sem terra. Nos últimos anos eles fizeram inúmeras tentativas, sempre infrutíferas, de obter áreas de assentamento, através de contatos com o Getat e o Iterpa. Cansados de esperar pela ação do governo, instalaram-se há quatro anos no Cinturão Verde", que fica a 7 quilômetros da área de mineração.*

*Quase 500 famílias habitavam até o mês passado a área, residindo em barracas e cultivando milho, arroz e feijão para o sustento próprio. As per-*

*seguições movidas pela CVRD sempre foram constantes, pois a companhia alega ser a proprietária legal do "Cinturão". No dia 7/6, contudo, surgiram os primeiros sinais de que a perseguição iria se acentuar. Agentes da Polícia Federal e do Ibama compareceram à área e apreenderam ferramentas, moto-serras e armas de caça. Acuararam os camponeses numa chácara e tentaram cobrar-lhes multas que variavam de 10 a 12,5 mil cruzeiros por cabeça.*

*Diante da resistência dos posseiros, a CVRD enviou um grupo de capangas ao Cinturão Verde na madrugada seguinte e os ameaçou com espingardas e revólveres os moradores. Dois dias depois, a Polícia Militar e novamente os seguranças da Vale*

*expulsaram os agricultores. Apontaram armas para mulheres e crianças. Agrediram uma mulher grávida. Derubaram barracos com crianças dentro e jogaram um menino de 12 anos nas águas do rio Paraupébas. Depois do despejo os seguranças roubaram todo o fruto da plantação dos posseiros.*

*A luta, no entanto, continua. Os colonos decidiram acampar no portão da CVRD, onde resistem com objetivo de voltar ao Cinturão. Querem a demarcação das terras da área e o direito de cultivá-las. Estão dispostos a continuar lutando e a enfrentar uma nova tentativa de expulsão. Este negocialista não se dá por vencido. (Erico Albuquerque Leal, da sucursal do Pará)*

# Os sem-terra respondem a Collor

Vítima nas últimas semanas de uma campanha de calúnias e insinuações com origem no governo federal, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra lançou, no último dia 17, uma nota em que inicia a contra-ofensiva. A Classe publica aqui os trechos principais do documento, que prepara uma grande mobilização nacional pela reforma agrária, entre 23 e 25 de julho.

As atitudes do ministro da Agricultura têm revelado que o presidente Collor está fazendo escola de um novo estilo de governo: "não fazer nada, mas fazer muito marketing com gestos fantasiosos".

Passados quatro meses desse Governo, o ministério da Agricultura não fez absolutamente nada para resolver os graves problemas que afetam a todas as categorias de trabalhadores que vivem no campo: sejam sem-terras, pequenos proprietários, assalariados ou os atingidos pela seca no nordeste. Ao contrário, agravaram-se ainda mais, pelo efeito das medidas do Plano Collor. E, agora, vai à imprensa fazer acusações de que os sem-terra participam de negociatas, e de que os sem-terras são desqualificados. Isso nos faz lembrar os ex-ministros Brossard, Falcão... e a retórica prepotente da UDR.

O ministro mente quando afirma que a maioria dos agricultores assentados durante o governo da Nova República já desistiram. Desafiamos o ministro a apresentar as provas. A margem de desistência entre os agricultores pertencentes ao nosso movimento e que foram assentados é inferior a 10%, nível considerado bom pelos estudiosos.

## Governo mente sobre as desistências, e esconde motivos que as causam

As causas das desistências são basicamente:

—terras desapropriadas pelo Incra, impróprias para agricultura;

—a política de total falta de apoio aos assentados, por parte do Governo;

—além da violência contra os assentados implantada pelos latifundiários das regiões, protegidos pela impunidade e convivência do Estado.

Em relação à venda de lotes, uma velha reivindicação de nosso movimento, e que há tempos temos apresentado a outros e a esse governo, é de que a distribuição dos lotes seja em usufruto, proibindo a venda por toda a vida. Cabe perguntar por que o Incra e o governo até hoje não aceitaram nossa reivindicação.

Propor exame de datiloscopia, como forma de selecionar assentados, revela o desconhecimento do real



Camponeses em péssimas condições de vida. Movimento dos sem-terra quer união mais firme com pequeno produtor rural.

problema e uma mal disfarçada vocação de delegado...

Ficar criando paranóias publicitárias porque o Movimento Sem-Terra estaria preparando ocupações é próprio de quem não conhece o ramo, nem os problemas sociais do campo.

As ocupações de terra são uma das muitas formas de luta que o Movimento Sem-Terra sempre adotou para pressionar o governo a fazer reforma agrária. E isso nós dizemos publicamente. O nosso lema é "Ocupar, Resistir e Produzir". Para nós, fazer ocupação de terras, geralmente latifúndios improdutivos, é apenas uma forma de pressão. Uma luta legítima para impulsionar a reforma agrária. Assim como os operários fazem greves para aumentar salários. E a história tem mostrado que as ocupações de terra são a forma mais prática de realmente pressionar o governo. Nos estados em que não houve ocupações, foi onde o governo menos fez desapropriações. Como o caso do estado de Alagoas, governado por Fernando Collor de Mello que, em três anos de mandato, assentou apenas 75 famílias, apesar de não ter havido ocupações.

## Os números provam: sem ocupações, assentamentos foram sempre menores

Mas nosso Movimento não faz só ocupações. Nós preparamos, juntamente com a Contag, CUT e CPT, um projeto de reforma agrária com 1,3

milhão de assinaturas de eleitores. O projeto popular com maior número de assinaturas na história do País. Nós já fizemos centenas de audiências, de reuniões com autoridades. E pouco tem resultado.

Com o atual ministro, já tivemos 4 audiências. E nessas audiências sempre fomos claros: ou vocês fazem reforma agrária ou nós vamos lutar para isso.

## Em 4 anos de Alagoas atual presidente só assentou 75 famílias

Uma das formas demagógicas utilizada pelo atual ministro é colocar a culpa de todos os problemas da reforma agrária no antigo governo da Nova República. Nós não defendemos o governo Sarney, ao contrário, sempre fizemos duras críticas. Mas os membros atuais do governo não fizeram parte do governo da Nova República? Onde estava o sr. Fernando Collor de Mello, não era do PMDB? O sr. Chiarelli não dava sustentação, através do PFL, à Nova República? O sr. Antonio Carlos Magalhães, o sr. Osires Silva, o sr. Cabral? Ninguém do atual governo apoiou e deu sustentação à Nova República? O atual governo fez parte e é filho da Nova República, apenas está cada vez mais parecido com a velha Arena.

Outro exemplo de demagogia é a atuação do governo no caso da ecologia. Colocou como secretário um ilustre cientista, o sr. José Lutzemberger

para granjear apoios no exterior mas, ao mesmo tempo, colocou na secretaria-geral do ministério da Agricultura o sr. José Lourenço da Silva, ex-presidente da Andef (Associação Nacional dos Defensivos Agrícolas), um verdadeiro sindicato das empresas produtoras de agrotóxicos para a agricultura, que é o mais grave problema ecológico que temos no campo e que o sr. Lutzemberger tanto combateu.

Esse mesmo secretário-geral nomeou seu primo Fernando Vieira para secretário da reforma agrária, prática de nepotismo que Collor dizia combater nos palanques

Achamos que o ministro deveria ir para a opinião pública dar explicações e fazer propostas para resolver os problemas dos 4 milhões de famílias de Sem-Terra, das 15 mil famílias que estão precariamente acampadas em beira de estrada, há meses esperando pelas promessas do governo.

## Secretário-geral do ministério da Agricultura faz lobby por agrotóxicos

Explicar por que reajustou os preços dos produtos do pequeno agricultor em 41% e, para o mesmo período, aplicou correção monetária de 84% para suas dívidas no banco: qual das duas é a inflação verdadeira?

Por que não existiu crédito para o pequeno agricultor do Sul plantar o trigo neste ano? Por que não existe crédito rural para os pequenos agricultores?

O que o governo fez para resolver os problemas dos 6 milhões de assalariados rurais que vivem com salários de miséria, e que a cada dia se obrigam a deflagrar greves pelos canais, para garantir o mínimo para sobrevivência?

## Uma forte jornada de luta contra governo e pela reforma agrária

Deveria dizer o que o governo fez para resolver o problema dos milhões de camponeses sertanejos que estão enfrentando uma terrível seca, passando fome, e que, não raro, se obrigam a buscar alimentos nos supermercados e armazéns do governo, para não morrerem de fome.

Por isso, renovamos nossa decisão de, nos dias 23 a 25 de julho, fazer, conjuntamente com todo o movimento sindical e a CUT, uma grande jornada de lutas contra a política do Governo, pela reforma agrária e uma política agrícola voltada aos pequenos agricultores.

São Paulo, 17 de julho de 1990

Ocupar, Resistir e Produzir!

Direção Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

## Questão de Ordem

# Marcha sobre Brasília



Renildo Souza\*

Agosto pode ser o momento de grande polarização política entre o movimento sindical, o Congresso Nacional e o governo Collor, em função da questão salarial. O Executivo federal declara sua disposição de vetar a lei salarial aprovada no Congresso. Além disso, pretende perpetuar a famigerada Medida Provisória 193. Faltando dois meses para as eleições gerais no País, são grandes as possibilidades de repercussão e sucesso de uma *marcha dos trabalhadores sobre Brasília* em defesa do salário e do emprego. O objetivo seria pressionar os parlamentares a derrubar a MP e o veto presidencial a nova política salarial.

### Um passeio de pelegos

Em final de junho, quando os líderes partidários da oposição no Congresso discutiam sobre o projeto da nova lei salarial, irrompeu na sala de reunião uma comitiva de 20 pelegos, capitaneados por Alemão (Enilson Moura), que bateu na mesa, declarando peremptoriamente "a posição contrária dos trabalhadores brasileiros em relação àquele projeto de lei, porque se introduzia a indexação dos salários, o que motivaria o recrudescimento da inflação, criando uma situação em que os assalariados, no final, seriam os grandes prejudicados". Evidentemente, não se tratava de marcha sobre Brasília. Era um passeio dos pelegos com todas as despesas pagas pela Fiesp e o governo paulista de Quéricia.

Quem fala em nome dos trabalhadores? O movimento sindical combativo não pode permitir que os pelegos, com desenvoltura, tomem a cena política da discussão salarial. O sindicalismo autêntico é chamado a interferir, ocupando o Congresso Nacional, denunciando os parlamentares que traíram a vontade popular. O presidente da CUT, Jair Meneguelli, já anunciou divulgação de cartazes com a fotografia dos traidores.

### Resistir com greves

Alastra-se o descontentamento e a insatisfação das grandes massas. É justa e indispensável a resistência das greves localizadas. Entretanto, é preciso unificar e politizar a ação dos trabalhadores. Os patrões opõem dura intransigência diante das reivindicações salariais.

Impõem-se a necessidade de uma orientação nacional, articulando e unificando o enfrentamento salarial, repercutindo amplamente na conjuntura política nacional. Isso pode ser feito, agora, em torno da luta por nova política salarial. A partir daí, pode se desenvolver um processo que desemboque na greve geral efetiva. Afinal, o dia 12 de junho foi só ensaio de greve geral.

### O que queremos

Os trabalhadores não abrem mão da luta por uma política salarial que contemple os seguintes critérios: 1 — reajustamento mensal conforme o ICV-Dieese; 2 — aumento real de salários; 3 — reposição das perdas salariais históricas e das atuais perdas, provocadas pelo Plano Collor; 4 — salário mínimo real necessário, conforme cálculos do Dieese.

A lei salarial aprovada pelo Congresso não responde aos critérios acima mencionados. Não se refere às perdas salariais. Entretanto, nas atuais circunstâncias, beneficiará amplos setores assalariados.

### Reeditar 1983

Uma série de decretos-lei (2.012, 2.024, 2.045, 2.065) foi editada pelo governo Figueiredo, provocando grande onda de protesto sindical. Tal mobilização resultou na derrota de parte da legislação de arrocho salarial no Congresso Nacional. Foi um momento de avanço das forças populares e aceleração do desgaste do general João Figueiredo e do regime militar. Hoje, acumulam-se vários fatores políticos, sindicais e econômicos que podem propiciar a reedição de forte polarização em torno da luta pela derrubada do veto de Collor à nova lei salarial. É a chance de nova e contundente derrota de Collor de Mello.

\* Diretor executivo da CUT-Bahia e do Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador.

# A ferida aberta na CSN

Arquivo



Enterro de um dos operários em 1988: a burguesia mostrou sua cara

**Cerca de 10 mil trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda-RJ, decidiram em assembleia, no dia 16, continuar em greve. O movimento teve início na quarta-feira, dia 11, e avançou para ocupar a companhia no sábado, dia 17. Os trabalhadores, através do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, enfrentam a intransigência do presidente da CSN, Roberto Procópio Lima Neto. Ele condiciona negociar uma reposição salarial ao fim da greve.**

Lima Neto também aceita pagar a diferença salarial do dissídio do ano passado, mas parcelada em 50 meses. Segundo ele, de imediato a empresa tem condições de conceder 17,3% de produtividade e 10% referentes ao dissídio até zerar a diferença. Astutamente, o presidente da CSN diz não negociar em Volta Redonda. Medroso, ele fala que não dá para fechar acordo "debaixo daquela pressão. Podemos conversar no Rio (capital), fechar um pacote e levar ao Tribunal Superior do Trabalho (TST), em Brasília, para ser homologado".

**A versão dos trabalhadores tem cara de realidade; só não vê quem não quer**

Os metalúrgicos da CSN exigem o cumprimento das cláusulas do acordo assinado em outubro passado (52% de perdas salariais de maio a outubro, bonificação de férias e 14º salário), prevendo o pagamento no início do ano; pagamento de 89,26% — conquistado na Justiça — referentes ao Plano Bresser e 188% de perdas do outro plano macabro: Plano Collor.

Durante a audiência no TST, no dia 17, o ministro do Tribunal, Marcelo Pimentel, deu prazo de 48 horas para que a direção da CSN retome as negociações salariais

e apelou pra que os grevistas retornem ao trabalho. Contudo, o comando da greve já advertiu que o retorno ao trabalho depende de uma nova proposta da companhia.

O ministro Pimentel mostrou-se irritado com as informações contraditórias a respeito da ocupação da usina. O advogado da empresa, Eljo Candido de Oliveira, vinha afirmando há alguns dias que a usina estava ocupada pelos grevistas. Por outro lado, o advogado dos grevistas, Ulisses Rydel, informava que os trabalhadores já não ocupavam mais a empresa. Em meio à audiência, o ministro fez uma pausa, telefonou para CSN e, lá, teve do diretor de operações, Sebastião Farias, a informação de que a usina não estava ocupada.

**A versão da companhia tem a cara do governo: falsa e arrogante**

Osires Silva, ministro da Infra-Estrutura, disse que a CSN "está ferida de morte". Para ele, de uma hora para outra a usina pode ser fechada devido aos prejuízos acumulados nos últimos dez anos. Osires declarou também que a Central Única dos Trabalhadores (CUT) induziu os empregados à greve de natureza política; ameaçou o movimento afirmando a disposição do governo em entrar na Justiça com ação de perdas contra o sindicato. Ele entende que a empresa sofreu uma agressão ao ser ocupada pelos trabalhadores.

O que o ministro de Collor não entende é que a verdadeira agressão é sentida pelos trabalhadores. Já no governo Sarney se tramava contra o patrimônio público nacional que são as estatais. Mal administradas, elas receberam enxertos de mordomias dos clãs políticos que as dirigiam. Somado a isso, sempre foram ameaçadas por facilidades dos governos brasileiros aos grandes oligopólios (grupo de empre-

sas que dominam um determinado setor da economia). Então, se as estatais, como a CSN, acumularam prejuízos, foi principalmente devido à incompetência de governos no trabalho da coisa e às políticas globais a que fomos submetidos.

**Sangue e destruição ainda presente nas lembranças**

Quem não se lembra da noite sangrenta em Volta Redonda? No dia 9 de novembro de 1988, após um conflito entre grevistas da CSN e soldados do Exército, chamados para invadir a empresa, o resultado veio bem ao gosto da direita: três metalúrgicos mortos. Willian, 23 anos, recebeu um tiro na nuca; Walmir, 28 anos, morreu com um tiro no peito, e Barroso, 19 anos, sofreu esmagamento craniano.

Na época, a desastrosa ação dos militares de Sarney provocou a indignação da sociedade e mostrou a fragilidade da nova Constituição. Esta foi afrontada, assim como o direito de greve, por obra e graça de um simples juiz de primeira instância de Volta Redonda.

De lá para cá, como se vê, muitas coisas mudaram. O governo Collor veio com a pretensão da "modernidade", de dar o tom de "civilidade". O que não mudou foi a política de açoitamento aos ganhos dos trabalhadores com o pretexto de salvar a economia.

Com a volta do movimento grevista na CSN nesse mês, o governo apenas se conteve em fazer uso das baionetas. De resto, não poupou esforços em torpedear a ação do sindicato dos trabalhadores, no que, aliás, contou com o apoio da imprensa burguesa (como matéria do Estadão, do dia 18, chamando o movimento dos metalúrgicos de subversivo (1) e banal) e do expectável comportamento do ministro Ozires Silva.



# Oposição cutista ganha Fetag na Bahia

Miguel Lucena

Os trabalhadores rurais da Bahia — Estado que ocupa o 2º lugar em violência por conflitos de terra no País, perdendo apenas para Goiás — deram mais um passo importante para reforçar sua luta contra os latifundiários e o banditismo no campo. Em congresso realizado nos dias 4, 5 e 6 deste mês, elegeram pela segunda vez a chapa oposicionalista para a direção da Fetag - federação estadual da categoria —, derrubando um reinado de 16 anos do pelego Aurelino Bastos. O novo presidente, Messias do Vale (do STR de Teixeira de Freitas), foi eleito por uma união de forças entre a CUT e CSC.

Participaram do Congresso — o segundo realizado em menos de um mês — 679 delegados, representando 257 sindicatos de trabalhadores rurais. A vitória foi por uma frente de 8 votos. Muitos congressistas não puderam votar. O primeiro congresso eleitoral, marcado para os dias 13, 14 e 15 de junho, foi sabotado pelo grupo de Aurelino, que tentou adiá-lo para outra data e ainda impugnar a inscrição da chapa 2.

A Comissão Eleitoral e a chapa 2, através de liminar da Justiça, realizaram o congresso, apesar da sabotagem da direção da Fetag, na data anteriormente marcada. A oposição saiu vitoriosa, mas decidiu participar do segundo congresso para confirmar a conquista do pleito sindical.

Aconteceu de tudo nessa eleição. A diretoria da Federação dos Traba-



Agora, a Fetag, sob a direção do sindicalismo combativo, deve chegar aos rincões da Bahia e ampliar a luta.

lhadores na Agricultura tentou comprar delegados com dinheiro da própria categoria. Cauti, na verdade, um dos últimos redutos do peleguismo baiano. Vitórias expressivas como esta aconteceram recentemente nos Sindicatos dos Rodoviários, com a

queda do pelego Braulino Sena, e dos operários da construção civil, com a derrota de Cândido Veloso.

## Mais de um milhão

O sindicalismo classista sai consideravelmente reforçado desta bata-

lha. A Fetag representa 370 sindicatos — num universo de 415 municípios baianos — e um milhão e cem mil sindicalizados. Ocupa o primeiro lugar entre as federações de trabalhadores rurais no País.

A Corrente Sindical Classista inte-

gra a nova diretoria vitoriosa com os sindicalistas Edson Pimenta (STR-Ibicoara), vice-presidente; Wilson Furtao (STR-Correntina), secretário de Assalariados; Zefinha (STR-Sobradinho), suplente da diretoria e Higino (STR-Ilhéus), Conselho Fiscal.

## Demissões de servidores em Goiás

As demissões efetuadas pelo governo Collor no serviço público federal já estão provocando sérias consequências para a população. É o que ocorre em Goiás, onde um dos setores mais atingidos é o da saúde pública. Ainda no início do mês de junho a Sucam constatou a existência, apenas em Goiânia, uma cidade que hoje conta com cerca de 1,3 milhão de habitantes, de 18 focos de mosquito transmissor da febre amarela e da dengue. Ao invés de reforçar suas equipes de combate ao mosquito, foram demitidos 229 servidores da Sucam.

Também o atendimento médico-hospitalar está sendo fortemente prejudicado. No Hospital Geral de Goiânia, o maior do estado e que promove o atendimento da população carente, já existem, desde o ano passado dezenas de leitos desativados, por culpa da falta de pessoal. Médicos, enfermeiros e outros profissionais da área de saúde foram demitidos ou colocados em disponibilidade, os critérios para selecionar os servidores atingidos baseiam-se em punições aplica-

das nos últimos 10 anos, em plena época da ditadura militar, e que visaram coibir a participação e a militância política.

### Reforma Agrária

As demissões, disponibilidades e cortes atingiram ainda outro setor que diz respeito de perto à luta dos trabalhadores: a reforma agrária e o Incra. Os funcionários do Incra denunciaram a clara intenção do governo federal de inviabilizar o funcionamento daquele órgão como um instrumento a mais para barrar a reforma agrária. Denunciaram ainda a ação do governo Collor de deixar completamente desassistidas as áreas de assentamento de trabalhadores rurais ao mesmo tempo em que anuncia a meta — tida como absolutamente insuficiente pelos trabalhadores rurais — de assentar 500 mil famílias até o final do governo Collor.

### Servidores em luta

Os servidores federais em Goiás

organizaram uma série de iniciativas e atos para defender-se das demissões e disponibilidades e do arrocho salarial. Inicialmente de forma isolada, órgão por órgão, logo se percebeu a necessidade de unir e somar forças na luta contra o governo Collor. Nesse sentido, por iniciativa da vereadora Denise Carvalho (PCdoB), a própria Câmara Municipal de Goiânia realizou, em 27 de junho passado, uma sessão em defesa do serviço público federal, com a presença de cerca de 200 pessoas, dez parlamentares e 19 entidades dos servidores federais.

Uma série de reuniões foi convocada para tirar atividades em conjunto. Um panfleto, com 50 mil cópias foi editado e realizou-se, no último dia 11 de julho, um ato público de denúncia dos desmandos do governo Collor, na principal praça de Goiânia, a Praça Cívica. Além de lideranças do movimento dos servidores, dezenas de entidades da sociedade civil e centenas de trabalhadores rurais compareceram ao ato, que contou com as presenças da vereadora Denise Car-

valho e do deputado federal Aldo Arantes do PC do B, que já fez uma série de pronunciamentos na Câmara Federal denunciando as arbitrariedades — como na Empresa de Correios, que move uma feroz campanha pressionando seus empregados a se desfi-

liarem de entidades sindicais — e o sucateamento internacional da máquina estatal brasileira para abrir caminho à completa desnacionalização da economia brasileira.

(Itamar Pires, da Sucursal)

## Curso Sindical no Acre

A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) promoveu, entre os dias 9 e 13, o I Curso de Formação Sindical, fazendo parte do Projeto Teresa Noronha. Dirigido pelos educadores Lene Santiago e pelo coordenador geral do projeto, Rui de Oliveira, o evento contou com a participação de 40 pessoas. Os presentes são ligados aos sindicatos de trabalhadores em educação do Amazonas (Sinteam), Rondô-

nia (Sintero), Acre (Sintecac) e Roraima (Sinter).

O curso teve como palestrantes os professores Lejeune Matogrosso, Umberto Martins e José Carlos Ruy, estudiosos de questões político-sindicais. O temário, entre outros assuntos, tratou da atuação sindical; luta de classes; formação de lutadores com militância independente; formação do operariado, história das revoluções e Leste europeu.

# CONSCIÊNCIA SOCIALISTA Rumo ao século da modernidade caduca

Rogério Lustosa\*

Rumo ao século XXI, via Varig? Difícil, mas é o que Fernando Gabeira escolheu. Alugado, desculpem, transportado por esta empresa e a serviço da Folha de S. Paulo, o jornalista mostra-se fascinado com o capitalismo europeu - a tal ponto que o confunde com o futuro. Julga que o socialismo é coisa do século passado e incorpora-se à investida anticomunista montada com os refugiados albaneses.

## Moderno caduco

As agências noticiosas exploram ao máximo os acontecimentos para demonstrar o "repúdio" ao stalinismo. Não acham necessário ouvir os que permanecem na Albânia na construção do novo regime. Nem o governo, nem o PTA, nem os cidadãos comuns. Uma nota do PCdoB sobre o assunto mereceu no máximo um rodapé acanhado num jornal da grande imprensa. A gigantesca manifestação de massas em Tirana, em favor do socialismo e repúdio aos trãnsfugas, recebeu o menor espaço possível.

O destaque é para as vítimas (ou heróis?) resolvidas a buscar o moderno no regime burguês que, no século passado, Marx já apontava como caduco. Repete-se a tentativa de divulgar a mentira milhares de vezes para que se transforme em verdade. Quando os livros de Galileu Galilei foram queimados e só os argumentos da "verdade" dominante circulavam, alguns se conformaram com o Sol girando em torno da Terra.

## Mordomias sagradas

Descobertas científicas tão inocentes como a da rotação da Terra em torno do Sol já causaram enorme repulsa às mentes presas aos conceitos dominantes. A construção de um novo sistema social que, sobretudo, implica em arrancar riquezas fabulosas das mãos das oligarquias e colocá-las sob controle de quem as produz obviamente provoca fúria e violência. E sofre veemente condenação de certos intelectuais que identificam o progresso com um show de Madonna e talvez com mordomias de algum hotel cinco estrelas na Itália.

Alguns trabalhadores, esmagados pela máquina publicitária burguesa, desapontados com as dificuldades, erros e insuficiências na luta pelo comunismo, deixam-se arrastar pela ceticismo. Podem, em alguns momentos, conformar-se com a idéia de trocar um mundo novo, sem correntes e sem chicote, por um capitalismo reformando, com correntes finas e uma chibata suave.

Mas a revolução não é tirada da cabeça de algum teórico sonhador. Pelo contrário, os pensadores proletários tratam de desenvolver a teoria capaz de explicar a realidade e indicar soluções para os problemas práticos colocados pela vida.

## Poder da maioria

O capitalismo pode, e revelou extraordinária capacidade para isto, prolongar sua agonia. Mas a sua superação é resultado de contradições objetivas do desenvolvimento histórico. A luta entre o comunismo que nasce e o velho sistema pode inclusive encontrar resistência entre pessoas do povo impregnadas por idéias burguesas, como revela o movimento de fuga de quatro mil albaneses para as embaixadas estrangeiras na Albânia.

Mas o outro lado desta moeda é que mais de cem mil foram para as praças públicas de Tirana defender a liberdade e manifestar a disposição de manter a rota revolucionária. O socialismo é um regime de transição, onde persiste a luta de classes e onde o poder está com esta maioria de operários e camponeses que representa, de fato, o futuro. Isto a Globo, a Varig, a Folha e Gabeira, de rabo preso, não podem mostrar.

\*da direção nacional do PCdoB

# Uma boa campanha se faz com espírito prático e controle

Antonio Carlos Brabo\*

Um dos grandes problemas de uma campanha é não se ter o controle total dela. Este controle precisa ser sistemático, tanto pelo Regional e Municipais como pelos organismos intermediários que devem acompanhar, e cobrar, o desempenho de cada militante na amarração do voto.

Neste ano a eleição, como é estadual, faz aumentar ainda mais o número de votos que o candidato precisa buscar. Aumenta também a sua área de ação onde muitas vezes o candidato precisa se deslocar para cidades do interior na procura do voto, deixando a descoberto a capital onde, geralmente, concentra-se a maioria dos votos. Nesse sentido é preciso estar atento para as seguintes questões:

**1** Priorizar as áreas onde já existe o Partido organizado. Num momento crucial como esse, não adianta abordar bairros ou cidades onde não exista estrutura partidária. É um esforço desnecessário que na maioria das vezes não tem o retorno desejado. O Partido precisa concentrar suas forças nas áreas onde existe estrutura partidária e procurar sempre envol-

ver pessoas de massa no trabalho da campanha.

**2** A amarração do voto começa pelos familiares e amigos. São os primeiros a serem visitados, depois parte-se para os outros. No caso dos amigos eles geralmente indicam outras pessoas que podem votar nos candidatos do Partido. A amarração do voto consiste em pegar o nome do eleitor, endereço e local de votação que será colocado no mapa geral eleitoral. Durante essas visitas, além dos documentos do candidato, é bom ter sempre em mãos o Estatuto e o Programa do Partido e fichas de filiação, pois sempre encontraremos gente disposta a ingressar no Partido. Nessas visitas são formalizados na maioria das vezes os comitês populares, que devem ser identificados com faixas dos candidatos, cartazes e/ou pichações quando as casas possuírem muros.

**3** Trabalhar com o correio. Dificilmente o candidato ou militante vai poder retornar mais de uma vez a um local visitado. Deve-se, por isso, anotar o endereço do eleitor para que

depois se possa enviar material de campanha, a fim de que o mesmo tenha sempre em mente o nome do candidato e saber que não foi esquecido. É bom atentar para o fato de que não estamos sozinhos na eleição, outros candidatos podem assediá-lo esse eleitor com as mais variadas promessas.

**4** Documentos assinados por lideranças. Este tipo de documento tem público definido. Membros do Partido que estão em entidades ou mesmo lideranças que apóiam nossos candidatos enviam a esse público carta aberta pedindo o voto.

Por fim, é importante trabalhar com metas de votos. Cada área deve estipular a quantidade de votos que devem ser amarrados na semana e passar para a coordenação geral da campanha. Semanalmente devem ser feitas as avaliações dos votos amarrados com as áreas, mostrando o desempenho de cada uma, procurando ajudar as áreas com dificuldades.

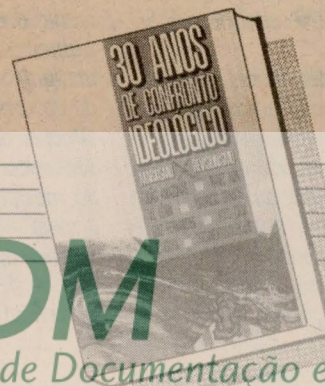
\*Sec. Organização PC do B/AM

## Leia

O socialismo é pauta em discussão hoje tanto no meio operário como nos fóruns acadêmicos. E por isso mesmo é objeto principal dos artigos de **Princípios**. Mas o conhecimento humano habita e é habitado por outras investigações e interesses. Feminismo, semiótica, automação e materialismo dialético são temas que ocupam as páginas da revista teórica do PC do B. Pedidos à Editora Anita Garibaldi, Rua Bororós, 51, 1º andar, CEP 01320 São Paulo — SP. Fone 278-3220, com cheque nominal no valor de Cr\$ 300,00.



Leitura essencial para entender a crise do Leste. O novo livro da Editora Anita Garibaldi explica com variado material as causas e a essência do revisionismo contemporâneo. Cr\$ 1.200,00.



**CDM**  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# A automação cria uma realidade nova

João Batista Lemos\*

Arquivo

**O processo produtivo moderno apresenta particularidades novas no processo produtivo, o que exige dos comunistas estudo e adaptações no seu trabalho junto à classe operária.**

No mundo capitalista a revolução técnico-científica leva ao agravamento das contradições entre capital e trabalho e não ao contrário. A diminuição do volume do tempo socialmente necessário para a produção dos bens pelo aumento da produtividade, em economia de mercado, conduz cada vez mais à concentração do capital nas mãos dos grandes monopólios e oligopólios, com seu inevitável corolário que é a intensificação da opressão e exploração das grandes massas trabalhadoras.

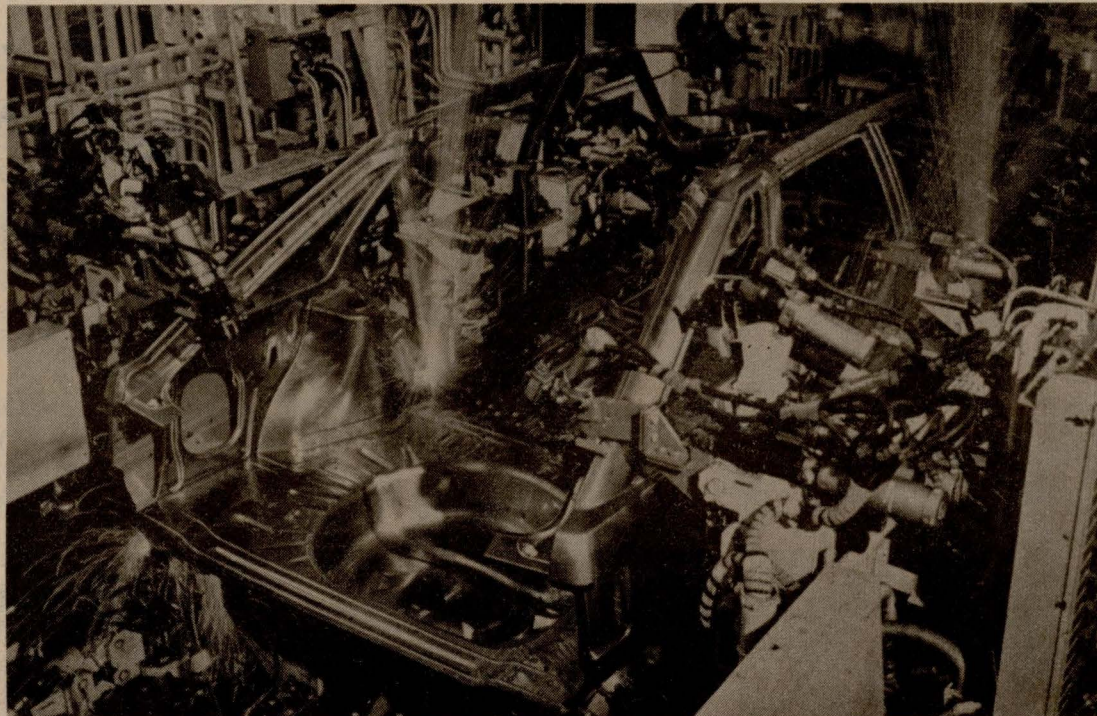
A experiência mostra os efeitos imediatos da automação para os operários, como o desemprego e a manifestação de problemas de saúde no trabalho. Ao mesmo tempo que resolve problemas, a automação cria outros, como stress e demais doenças ocupacionais. Além disso acarreta a marginalização de profissões que vão se tornando obsoletas.

## Asfixia

Um interessante trabalho publicado pela "Revista do Dieese" (nº 06/89) observa: "A grande competitividade entre as multinacionais resulta em verdadeira asfixia do trabalhador, pois as fábricas passam a operar 20 horas por dia, criam-se turnos adicionais de trabalho, exige-se de cada operário a capacidade de substituir qualquer outro em qualquer função (polivalência, etc.). Mais adiante, a revista afirma: "No caso da Europa, a introdução de sistemas dessa natureza inicia-se normalmente em países onde a capacidade de luta do movimento sindical está enfraquecida por razões como por exemplo o desemprego. A partir do momento em que se cria o precedente, o caminho está aberto para que uma outra fábrica dessa mesma empresa, em outro país, seja obrigada a aceitar as mesmas condições de trabalho".

Esta confrontação não pode ser compreendida de forma puramente corporativa, porque se trata de uma questão nacional, internacional e da luta de classes.

Com o objetivo de obter o lucro máximo e de colocar um produto competitivo no mercado, os capitalistas não levam em conta as necessidades materiais e espirituais do trabalhador. A força de trabalho, como mercadoria especial que produz va-



Robôs fazem carros. Mudança estrutural na organização do trabalho

lor, no máximo, e com muita luta, pode adquirir um preço mais alto pelo seu desgaste físico e mental ou melhorar suas condições de atividade. Os empresários tolhem a capacidade criadora dos operários. Vale lembrar as palavras de Engels sobre o trabalho complexo: "O escravo hábil era vendido por maior preço, o operário mais competente e qualificado obtém um maior salário".

A questão que está colocada para os operários conscientes não é acabar ou repudiar a modernização tecnológica, mas sim conduzi-la.

## Nova realidade

Mudanças fundamentais têm ocorrido no processo produtivo, principalmente nas grandes empresas, com a introdução de novas tecnologias e sistemas organizacionais do trabalho. Para compreender esta nova realidade e traçar uma linha de ação adequada, o sindicalismo de ponta, nacional e internacional, precisa de muito estudo.

Os comunistas devem aprofundar o estudo do processo de exploração da classe operária, as alterações na sua composição e no seu modo de pensar, com o objetivo de elaborar estratégias eficazes de atuação no interior das fábricas e aprofundar as formas de organização e luta.

Algumas informações do livro "Fábrica Automática" (Ed. Vozes, FIOM) são importantes para compreender o desenvolvimento do processo produ-

tivo. O primeiro elemento é o material com que se trabalha. O segundo é a aplicação da energia, que se inicia sobretudo com a máquina a vapor e seu uso como motor industrial no século XVIII com a Revolução Industrial. O terceiro elemento é a informação, que se desenvolve principalmente nos anos 50-60, com a indústria de bens de consumo duráveis, automóveis, eletrodomésticos e outros. Neste tempo aparecem também as transformações organizacionais, como o Fordismo (a linha de produção), que leva ao extremo as orientações do taylorismo 'administração científica — racionalização da produção).

## Processo acelerado

A palavra automação foi introduzida nos anos 50-60, definida na obra "Fábrica Automática" como "a elaboração automática em tempo real da maior parte das informações relativas ao processo produtivo". Iniciou-se como automação rígida através da eletromecânica, "cuja memória só pode ser lida, consultada e não pode ser modificada". Por exemplo: para ajustar a máquina era preciso na maioria das vezes interromper a produção ou, para diversificar o produto, outra máquina. Dois fatores fundamentais contribuíram para a evolução da automação rígida à flexível. No aspecto subjetivo, com a mudança da maneira de pensar dos operários. Não bastava só o consumismo para

compensar o trabalho estafante e penoso. Começou com a recusa a dar um preço à insalubridade. A questão era acabar com os ambientes insalubres, obtendo a consciência de que a saúde não se vende. No aspecto objetivo, "com as transformações do mercado na concorrência entre as empresas produtoras, certamente não sobre os preços, mas sobre a possibilidade de oferecer produtos diversificados e falsamente 'personalizados'. A automação rígida era vulnerável às falhas mecânicas como também ao desinteresse dos operários pelo trabalho e às agitações sindicais. A automação flexível cria possibilidade de a empresa garantir um certo fluxo de produção mesmo se os homens não colaborarem e como possibilidade de permitir um trabalho menos vinculado a ritmos rígidos e repetitivos, com mais liberdade de movimento e de comportamento pelo trabalho". É com a exigência da flexibilidade que o problema mecânico da automação se liga ao do tratamento das informações, às tecnologias eletrônicas e informáticas — assinala a obra citada. Por exemplo, as Máquinas Ferramentas de Controle Numérico (MFCNs) e robôs. O controle funcional do produto pode ser realizado com sistemas automáticos computadorizados. Citando os mais conhecidos: CAM — Manufatura com auxílio do computador; CAD — Projeto ou desenho com auxílio do computador. CAD-CAM — Ligação automática direta entre elaboração do projeto e construção.

O livro "Automação e Movimento Sindical no Brasil", do Cedec, destaca que a automação micro eletrônica acelera-se rapidamente. "A emergência das novas tecnologias é um fenômeno indissociável da lógica da acumulação capitalista assim como do processo político vivido depois do fim da ditadura",

## Perda de controle

Apesar de que ainda há uma parcela pequena de trabalhadores em contato direto com as novas tecnologias, a coexistência de MFCNs e as máquinas convencionais eletromecânicas no mesmo espaço físico da fábrica contribui para a propagação de seus efeitos atingindo um universo mais amplo do que o dos trabalhadores até agora atingidos diretamente pelo processo de modernização. O Cedec registra depoimentos de operários que revelam o caráter das novas formas de opressão e exploração do trabalho com as inovações tecnológicas. Sobre o salário: "Tem trabalhador fazendo duas ou três funções e ganhando por uma só, geralmente a mais baixa". "Não conheço nenhum caso em que o salário do trabalhador tenha melhorado através da automação". Sobre o emprego: "Tem uma área lá onde a gente estava e parecia formigueiro, hoje parece um cemitério, só tem máquina(...) Quando eles automatizaram havia um clima de terror e medo de perder o emprego". Sobre as condições de trabalho: "Saúde e segurança no geral em algumas áreas melhoraram. Em área de funilaria se trabalhava com muito chumbo. Alguns carros não usam mais o chumbo... A robotização em algumas áreas melhorou o ambiente de trabalho". Sobre a profissionalização: "Trabalhar em máquinas programadas é para o operário perder o controle de seu trabalho. Não há criação, porque a fita de planejamento entra na máquina e o trabalho dele é apertar o botão".

Essas experiências chamam a atenção para a relação de poder dentro das empresas: "É evidente que a grande maioria dos trabalhadores não se enfrenta ainda com as novas tecnologias, mas esta já é a vivência dos que trabalham na grande empresa e que constituem a base fundamental do sindicalismo brasileiro. Em consequência, o núcleo mais avançado dos trabalhadores se defina com a estratégia — mais avançada da burguesia monopolista".

\*da direção nacional do PCdoB

# Dois artistas afinados com o povo brasileiro

Por Niura Belford, Tânia Soares e Rafael Galvão

Arquivo

"Todo artista tem de ir aonde o povo está" — diz Fernando Brant — e é o que afirma a vida dos atores Paulo Betti e José Mayer. As suas carreiras na televisão, teatro e cinema são permeadas por uma participação ativa na vida do País, na vida do povo brasileiro.

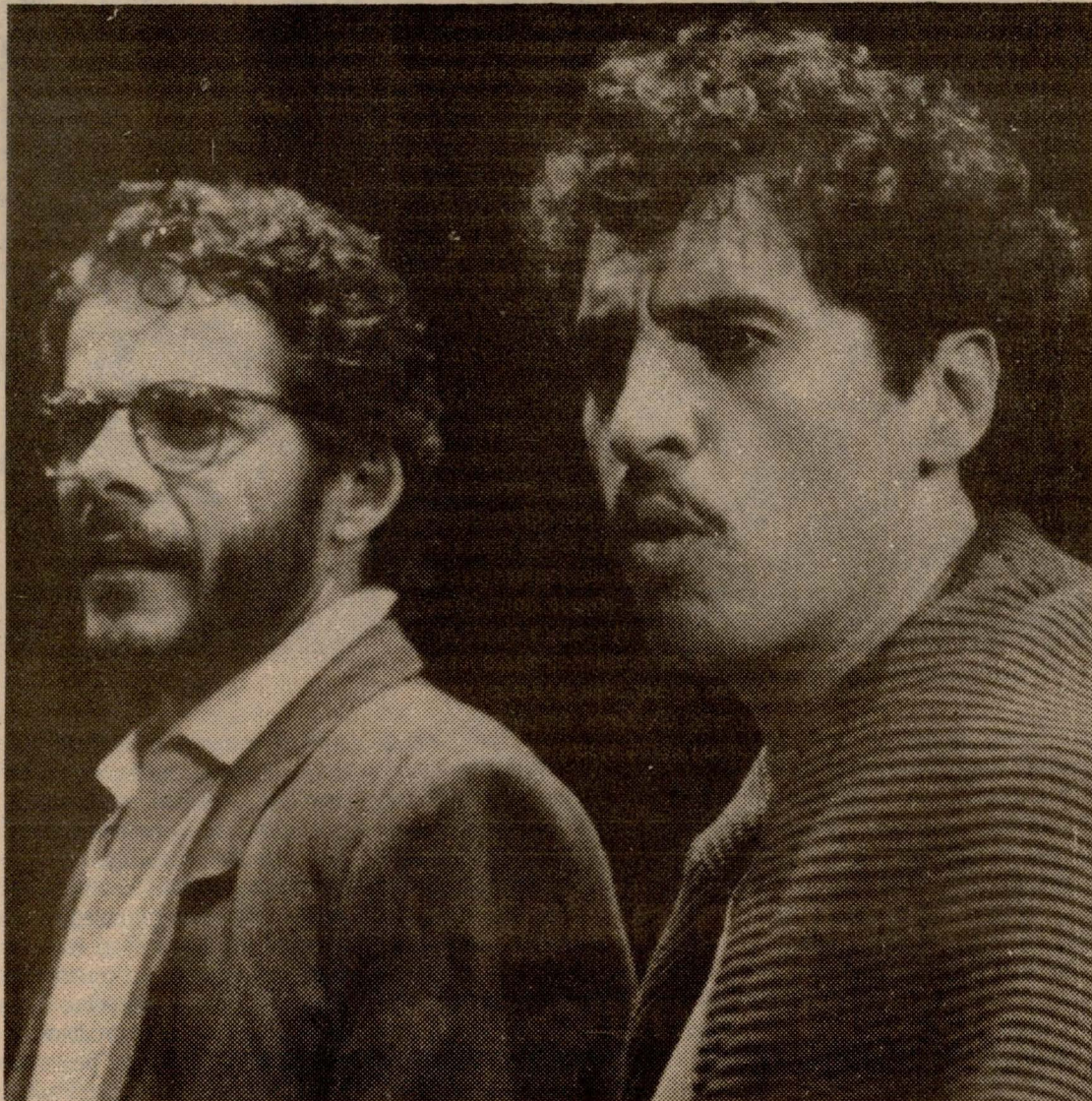
Em 89, quando viviam o enorme sucesso na novela *Tieta* (Timóteo e Osnar, respectivamente), eles estavam também vivendo junto com o povo a busca por um país novo, progressista, feliz. Paulo Betti e José Mayer participaram da campanha da FBP (Paulo Betti desde o primeiro turno) e José Mayer no segundo. (No primeiro turno tinha apoiado Brizola).

Em entrevista à *Classe* eles demonstraram preocupação com os rumos que o Brasil está tomando, ao mesmo tempo que mantêm confiança e disposição de luta e resistência em favor da cultura, da democracia e da liberdade no País.

**Classe: Como vocês vêem o panorama cultural com a extinção de vários órgãos culturais?**

**José Mayer:** Olha, a situação da cultura hoje é grave. Não há a menor possibilidade de novos projetos irem adiante. Nada se pode esperar de bom de um governo como esse, que se orienta tão pouco pela ética, é governo autoritário, dá primazia absoluta à manipulação pela mídia e entregou todas as decisões aos tecnocratas. A um governo que pensa e age desta forma interessa uma cultura amordaçada, um povo que não se expresse nem através da arte. Interessa também a esse governo não dar valor nenhum à educação.

**Paulo Betti:** O Brasil passou por uma fase, do fim do regime militar até agora, fazendo um desmonte na educação, procurando extinguir tudo que se relacionava com ela. O ensino cada vez mais se volta para os ricos: quem pode pagar entra numa faculdade. O mesmo aconteceu com a universidade. A cultura ainda conseguiu ir driblando esse esquema e sobreviver. Como o Collor deseja um país acéfalo, sem cultura, crítica ou consciência — já que ele sabe que um povo com cultura é um povo difícil de ser dobrado, tem dignidade, gana, se orgulha de seu sotaque, de sua terra e isso faz com que seja forte — ele desfecha um golpe contra as pessoas que fazem essa cultura, procurando dizer que elas "mamam nas



José Mayer e Paulo Betti, sucessos na TV e no teatro, condenam a alienação cultural que o governo Collor quer impor ao povo brasileiro.

tetas do Estado". Mas a população deve saber que 0,05% do orçamento da União era gasto com o ministério da Cultura. Portanto, não se justifica o enxugamento da máquina. E órgãos culturais que foram extintos funcionavam muito bem, não eram cabides de emprego dos artistas, apoiávamos esses órgãos e reconhecíamos sua importância.

**Classe: E o que pode ser feito para mudar esse panorama?**

**José Mayer:** Olha, gritar é a primeira etapa, esperar, denunciar. É preciso também agir objetivamente em termos práticos e nesse sentido há até um trabalho bonito, levantando uma proposta de lutas pela preservação da produção regional no que diz respeito à televisão. Se as diversas regiões tiverem acesso à televisão, estaremos num bom caminho.

**Classe: A deputada federal do PCdoB, Lindice da Mata tem**

**um projeto que regionaliza 30% da produção de TV no Brasil. O José Mayer disse que você está engajado nessa luta. O que você acha desse projeto, Paulo?**

**Paulo Betti:** É muito importante para a cultura brasileira no momento que cada região produza a sua ficção. Assim como já tem o telejornal local, que tenha a telenovela local. Isso pode acontecer agora, a Constituição obriga que haja essa regionalização e a Lídice está com um projeto muito bom nesse sentido, que pode ser juntado com o projeto da Beth Mendes. Isto pode dar um novo fôlego à cultura nacional porque haveria um espaço artístico para a manifestação local. Cada estado faria novelas ou minisséries que, se fossem boas, poderiam ser exibidas no Brasil inteiro. Segundo o projeto de Lídice, 30% da produção da TV teria que ser regional, e uma parte desses 30% seria teledramaturgia, isso é muito importante.

Tem outro projeto do PT que pode ser encampado por outros partidos democráticos em que cada diretório teria que dar aulas de teatro, fotografia, cinema. Quem sabe alguma coisa deve ensinar ao outro. Os partidos poderiam ensinar até jornalismo porque eles são não só um organismo de militância política, mas também um lugar onde se pode aprender. A própria relação entre o político e o artista muda porque nos diretórios não se discute arte, o que seria interessante. Acho que se o Lula tivesse uma informação cultural mais universal teria escapado de muitas ciladas que o Collor armou para ele. Os políticos brasileiros acreditam muito pouco na cultura. Então, se no diretório eles passarem a ter uma relação maior com os artistas haverá um crescimento muito grande das duas partes, porque o artista brasileiro é muito despolitizado e os políticos são muito pouco poéticos.

**Classe: A novela "Pantanal" está fazendo muito sucesso. Como vocês vêem essa abertura de mercado?**

**José Mayer:** "Pantanal" é um raro momento de saúde na televisão, uma televisão que está adoecida há muito tempo com a hegemonia da Globo. O monopólio global é uma ameaça ao equilíbrio político e até artístico de nossa sociedade. Por isso é saudável que "Pantanal" tenha acontecido, e que possa acontecer uma possibilidade de abertura no mercado.

**Paulo Betti:** "Pantanal" e o "TJ Brasil" são os dois acontecimentos mais importantes na televisão no momento. A cultura brasileira precisa da extinção do monopólio, e o fato do telespectador começar a mexer nos canais é a arma que ele utiliza para sua própria satisfação. Para se ter uma idéia, uma novela que foi rejeitada durante dez anos pela Globo acaba aparecendo e fazendo sucesso na Manchete, logo depois das eleições, quando o Brasil foi dividido em dois pólos, e na Globo se procura mostrar a imagem de um único País, guiado a partir de um único ponto, o Rio de Janeiro, com uma única linguagem, que é o sotaque carioca. O Brasil tem milhões de sotaques, muitas paisagens, é um país múltiplo. Havia um pouco de prepotência nessa visão. A novela "Tieta", por exemplo, se passa em Mangue Seco (divisa entre Sergipe e Bahia), e só uma vez o setor de filmagem foi para lá, quando fizeram todos os *take*. Então essa ida para o "Pantanal" é uma forma de aparecerem as cores de um Brasil que não tava pintando na televisão. É por isso que o telespectador tem essa torcida para que "Pantanal" dê certo. O público quer isso. É o desejo de libertação de uma única forma de ver, enxergar. Isso é muito salutar para a democracia. Só assim a Globo exibe filmes nacionais, o que não faria se não estivesse sendo acuada.

**José Mayer:** Mesmo assim, "Tieta" foi uma maravilha, eu adorei ter feito. Teve um ótimo resultado, eu caí no coração do telespectador, e isso é uma sorte. Sobretudo porque eu agora tenho a possibilidade de usar essa influência pra trazer o público curioso de ver o intérprete de usar ao teatro e tomar contato com uma temática, um universo interessante.

Entrevista concedida a Niura Belford

# SBPC discute a integração latina

Adriana Morell\*

**Apesar do boicote do governo Collor, a principal sociedade científica brasileira conclui com sucesso, em Porto Alegre, uma reunião voltada para o debate da integração latino-americana.**

A quadragésima-segunda Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência revirou a cidade de Porto Alegre durante os dias 8 a 13 de julho. Mais de 80 convidados de 18 países e quatro mil pesquisadores brasileiros ocuparam o Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para realizar cerca de 200 conferências, simpósios, mesas-redondas e cursos embutidos no tema "a ciência e a integração na América Latina".

Alguns assuntos evaporaram diante da mediocridade e insensibilidade do governo Collor que se manifestou através de arreadias representações. Mas nem isso pôde embotar o evento. A comunidade científica do país está disposta a pressionar por medidas políticas avançadas, na trajetória da ciência e tecnologia comprometidas com o povo, o progresso e desenvolvimento do Brasil.

**Candotti: "integração ainda é troca de vinho, biscoito e erva-mate"**

O Presidente da SBPC, Ênio Candotti, inaugurou o evento no final da tarde de domingo destacando a necessidade do desenvolvimento de tecnologias próprias e do intercâmbio entre os países latino-americanos, com o devido respaldo dos governos dessas nações. "Vivemos juntos há quase 500 anos, afirmou, e quase não o sabemos. Passado tanto tempo, mal chegamos a traçar o mapa dos ventos, dos céus e das águas do novo mundo.

Candotti lembrou que a simples abertura às tecnologias mais avançadas não cria riquezas, nem tira a população brasileira da situação da marginalidade. "A estabilidade econômica, sentenciou, deveria vir antes de qualquer aventura em competições internacionais. Não podemos esquecer que ocupamos o octagésimo-oitavo lugar na escala da educação no mundo enquanto que, por exemplo, a Coreia já tem cinco por cento dos seus trabalhadores com nível superior.

A situação de enfermidade das economias dos países latino-americanos não favorece os planos de integração, que hoje "é apenas uma troca de biscoito, vinho e mate", apontou o cientista. Para ele, a instabilidade política criada pelos governos, a inflação, a falta de investimentos e a polarização dos projetos de desenvolvimento,



Painel da 42ª reunião anual: Goldemberg, antigo presidente da entidade, ouve contrafeito as críticas de Candotti, que a dirige hoje.

orientados pelas demandas e prioridades dos países do primeiro mundo, entravam a cooperação na América Latina.

Mas, a integração ganha novo impulso, na sua opinião, se for baseada na ciência, na tecnologia, no esforço comum na formação de recursos humanos. Se for realizada a busca do conhecimento da natureza, da sociedade e dos problemas da América Latina, a integração alcançará o empenho do povo.

Há que criar raízes sólidas que não podem nascer dessa cooperação meramente comercial entre os países. Candotti ponderou, no entanto, que até bem pouco tempo a sociedade latino-americana lutava contra as políticas autoritárias e obscurantistas dos militares. Apenas agora, enquanto luta para manter a democracia, tem oportunidade de pensar nas novas alternativas de desenvolvimento.

**União avança apenas se buscarmos, juntos, o conhecimento de nós mesmos**

As vantagens da integração só serão obtidas se houver uma articulação da sociedade. Candotti enumerou-as:

possibilidade de estudar regiões ecológica e historicamente semelhantes, que sofrem conseqüências políticas externas também similares, desenvolver a complementaridade das economias que ultrapassa a proximidade geográfica, e principalmente valorizar as experiências de diferentes países impedindo o retrocesso da democracia. Ele está preocupado com o avanço das teorias neoliberais nesses países e afirmou que a integração dos povos faria frente ao desenho político atrasado.

**Alvo de inúmeras críticas, governo Collor preferiu não comparecer à reunião**

O governo Collor, se não estivesse ausente de quase todos os painéis a que foi convidado, teria ouvido poucas e boas. Candotti fez severas críticas ao atual secretário da Administração, Carlos Santana, que em razão da sua "fúria devastadora" decretou a paralisação de todo o sistema universitário — em decorrência da decisão (já revista) de demitir 30 mil servidores e da forma equivocada como conduziu o processo, imobilizou os três milhões de funcionários, tornando o serviço público menor e ainda mais ineficiente.

O Instituto Maurício Grabois, criado pelo Partido Comunista do Brasil, não foi no vento da programação estritamente oficial da SBPC e muito menos perdeu o assento nas discussões científicas. No dia 11, quarta-feira, o IMG complementou o cronograma do evento com a mesa-redonda "O Leste europeu e a perspectiva do socialismo". A exposição das duas opiniões distintas sobre a derrocada dos regimes do Leste europeu, a partir de meados do ano passado, as transformações na União Soviética e a crise do socialismo, fenômeno dessa segunda metade do século XX, levaram 400 pessoas ao auditório do Instituto de Educação Flores da Cunha. Luiz Fernandes, membro da Direção Nacional do PCdoB, e o secretário Municipal da Cultura de Porto Alegre, Luiz Paulo de Pilla Vares, debateram por mais de três horas, acompanhados de um público atento, curioso e sensível ao aprofundamento de exame das experiências socialistas, suas crises e potencialidades.

Quem soube faturar a reunião anual do SBPC, que já marcou a próxima para o Rio de Janeiro, foi a União da Juventude Socialista — que monopolizou os espaços de lazer e descanso. O bar Curupira espalhou som, dança, pinhão e comida de rua pelos cantos do encontro. Ao lado, a

banca do PCdoB serviu de chamarisco para uma boa leitura.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência abriu, pela primeira vez nesses 42 anos, o caminho da ciência ao bairro. O projeto de repartir o conhecimento dos cientistas e pesquisadores com a comunidade que abriga os eventos já estava há alguns anos na cabeça do titular da Universidade de São Paulo, Etelvino Bechara. Ele afirmou que é obrigação dos pesquisadores criar oportunidades para que a população adquira informações, alcançando a cidadania.

**Ação destacada da União da Juventude Socialista e Instituto M. Grabois**

Durante toda a semana, foram realizadas 12 palestras nos bairros de Porto Alegre, sobre a questão do negro, da criança, da saúde da mulher e do conhecimento científico.

Bechara relatou que as perguntas do povo demonstram criatividade, inquietação e em alguns casos dão a medida da falta de informações. A diferença está afastada do elenco de perguntas que vão desde "Bala colorida faz mal à saúde?" até "Por que não inventam uma tinta invisível?"

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois  
Porto Alegre

# O futebol nivelado por baixo

Claúdio Wladimir

Por ironia do destino foi um pênalti, no mínimo duvidoso, que decidiu a final da 14ª Copa do Mundo, dando à forte e poderosa seleção da Alemanha o tri-campeonato mundial, como o Brasil e a Itália. Se a medíocre seleção Argentina beneficiou-se do regulamento e dos pênaltis para chegar até a finalíssima em Roma, derrubando a Jugoslávia nas quartas-de-final e a Itália, na semi-final, acabou sendo vítima dessa mesma arma. O gol de Brehme, cobrando o tal pênalti duvidoso, no entanto, veio fazer justiça à equipe que apresentou o melhor futebol de toda a Copa. A vitória da Alemanha foi justíssima e conseguiu, apesar do erro do juiz, salvar a copa da Itália. Desde o seu primeiro jogo ficou evidente que a Alemanha era uma séria e forte candidata ao título.

Foi melhor assim. Para uma Copa tão fraca como essa da Itália, seria um desastre para o futebol mundial se a campeã acabasse sendo a Argentina, uma seleção que durante toda a Copa praticou o anti-futebol, o anti-jogo, cozinhando seus adversários, deixando o tempo passar para tentar numa jogada isolada do astro-rei Maradona liquidar a partida. Quando isso não acontecia, e quase sempre não acontecia (na verdade, só aconteceu contra o Brasil), a Argentina apostava tudo na loteria dos pênaltis e na sorte

grande do seu goleiro Goycochea, aliás medíocre como o resto do time.

A vitória da Alemanha, portanto, salvou a Copa e salvou o futebol.

Para quem esperou quatro anos pela festa maior do futebol mundial, a copa da Itália foi uma grande decepção. É provável que essa tenha sido uma das mais fracas copas de toda a história, em termos do nível técnico apresentado pelas seleções que a disputaram. Tanto isso é verdade que foram marcados apenas 115 gols nas 52 partidas disputadas, com a média de 2,21 gols por partida, a pior média de todas as 14 Copas já realizadas.

Além disso, a copa da Itália não apresentou grandes surpresas nem grandes sensações. Ao contrário, a maioria das equipes mostrou um futebol equilibrado por baixo, onde predominou a concepção defensiva e a falta de talentos. Com exceção da Alemanha e da Itália, a quase totalidade das demais seleções ficou devendo aos amantes do futebol. Lugar de destaque foi ocupado pela seleção de Camarões, que redescobriu a alegria e a magia do futebol, apesar da ingenuidade de seus jogadores.

Mesmo assim, houve coisa boa. A raça e o oportunismo do italiano Schillaci, artilheiro da Copa com 6 gols. A potência e aplicação ofensiva da Alemanha, o melhor ataque da Copa

com 15 gols. A arte, o talento, a habilidade e aplicação do alemão Matthaus, o melhor jogador da Copa. A seriedade, o rigor e a eficiência do brasileiro José Roberto Wright, o melhor juiz da Copa, que só não apitou a final porque os alemães desaconselharam. Não por motivos técnicos mas ocultos. Afinal, a Alemanha havia perdido as duas últimas finais de Copa com árbitros brasileiros e eles também são supersticiosos.

Outra unanimidade em relação à copa da Itália diz respeito ao regulamento. Unanimidade negativa, é claro. Com quatro jogos importantes decididos por pênaltis, cometendo-se algumas injustiças entre elas a eliminação da Itália, a dona da casa, o regulamento da FIFA ficou na marca do pênalti. Será muito difícil a turma de Halange conseguir manter essa mesma regra para a Copa de 94. O pênalti é um critério que privilegia as equipes mais fracas em detrimento das mais fortes, como aconteceu com a Argentina e com a Irlanda. Esse item precisa ser repensado com urgência para que se valorize o futebol e não a sorte grande. Uma solução natural seria considerar o retrospecto das equipes no caso de persistir o empate depois da prorrogação. Ou seja, vai em frente quem tiver a melhor campanha, seja em pontos, seja em vitórias,

seja em gols, seja em saldo de gols. Se ainda assim continuar o empate, poder-se-ia utilizar o critério dos antigos Torneio Início: ganha quem tiver tido um maior número de escanteios a seu favor. Afinal, o escanteio significa ataque.

Depois dos 52 gols da Copa da Itália, "Copa com classe" apresenta a sua seleção da copa. Lá vai ela: Pred'homme (Bélgica), Hasek (Tchecoslováquia), Baresi (Itália), Walber (Inglaterra), e Brehme (Alemanha), Gascoine (Inglaterra) Scifo (Bélgica) e Matthaus (Alemanha), Voeller (Alemanha), Milla (Camarões) e Schillacci (Itália). No banco: Zenga (Itália), Kalcic (Tchecoslováquia), Stojcovic (Jugoslávia), Bagio (Itália) e Klinsmann (Alemanha). Na minha opinião, esses foram os melhores jogadores da Copa em suas posições. Uma seleção reserva, com outros destaques, poderia ser formada assim: Taffarel (Brasil), Parker (Inglaterra), Bergomi (Itália), Ferrini (Itália) e Wright (Inglaterra); Donadoni (Itália), Littibarski (Alemanha) e Maradona (Argentina); Lacatus (Romênia), Skurhravy (Tchecoslováquia) e Caniggia (Argentina).

E quais foram os melhores jogos da Copa da Itália? Na minha opinião, quatro jogos se destacaram entre os 52 disputados: Alemanha e Holanda, Alemanha e Colômbia, Camarões e Inglaterra e Alemanha e Inglaterra. Não foi à toa, portanto, que a Alemanha foi a campeã. Dos quatro jogos escolhidos, ela esteve presente em três.

Entre as decepções, que foram muitas, duas delas se destacam. A Ho-

landa, que chegou na Itália com pinta de campeã, e foi embora sem vencer uma única partida, foi a maior de todas. E Van Basten, o holandês do Milan que começou a Copa cotado para ser o craque da festa e não fez uma única jogada sequer que justificasse a sua fama. Depois da Copa é muito provável que a milionária cotação de Van Basten caia alguns milhares de dólares.

A Copa da Itália foi particularmente desastrosa para nós brasileiros. Além da eliminação precoce, do 9º lugar na classificação geral (o pior desempenho depois de 1966), do fracasso da teoria do futebol de resultados desenvolvida teimosamente por Lazaroni e do mercantilismo exagerado demonstrado pelos nossos "profissionais europeus", o Brasil viu a Alemanha aproximar-se perigosamente de nossa posição de líder do ranking mundial de todas as Copas. Embora o Brasil ainda continue em 1º lugar, com 99 pontos e 148 gols marcados, foi ultrapassado pela Alemanha no número de jogos disputados (68 contra 66) e viu diminuir sua vantagem em pontos (99 a 93), vitórias (44 a 39) e gols marcados (148 a 145). O nosso único consolo foi entrar nas estatísticas da copa da Itália como o time que mais acertou bolas na trave: 7 ao todo. É muito pouco para quem sonhava com o tetracampeonato.

É isso aí. Até 1994, nos Estados Unidos, quando esperamos que o futebol-arte dos brasileiros entre de novo em campo e com ele as nossas esperanças de recuperarmos a Taça do Mundo. Vamos à luta!



Os tricampeões Matthaus, Voeller e Brehme dão a volta olímpica no estádio de Roma. Resultado justo.



CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## CIMI denuncia: Collor ajuda fim dos yanomami

Passados os cem primeiros dias do governo Collor, verifica-se que sua ação indigenista nesse período significou a continuidade do genocídio yanomami, da violência contra os povos indígenas - em Roraima, mais dois Makuxi foram assassinados em junho - e a total paralisação dos processos de demarcação das terras indígenas. As duas únicas medidas conhecidas até o momento, a dinamitação das pistas construídas clandestinamente no território yanomami e a minuta de decreto que reformula o processo para demarcação de terras, são mostras de que nada mudou na política governamental para com os povos indígenas.

A decisão de dinamitar as pistas não passou de golpe publicitário; a próprio Cimi denunciou na época a medida como inócua. Para que essa providência tivesse eficácia, seria necessário, antes de qualquer coisa, a retirada de todos os garimpeiros do território indígena, como determinou medida liminar da Justiça Federal, e a revogação dos dois decretos do ex-presidente Sarney, que nele criaram duas reservas garimpeiras. A omissão do governo Collor frente a esse problema o coloca como co-responsável pelo genocídio yanomami.

A primeira redação do decreto que reformula o processo administrativo para demarcação, enviado pela presidência da Funai ao ministro da Justiça na semana passada, é uma simples repetição das normas demarcatórias previstas no Decreto nº 76.999, editado pelo general Ernesto Geisel em 1976 e que prevaleceu até 1983.

Apesar de o texto do decreto não prever a existência de um Grupo de Trabalho Interministerial e nem centrar a decisão sobre as demarcações nos ministros de Estado, não se propõe a participação dos povos indígenas no processo. De acordo com o parágrafo 1º do artigo 231 da Constituição, são os usos, costumes e tradições dos índios o critério fundamental para a definição das terras indígenas. Além disso, a minuta submete a demarcação ao arbítrio do presidente da Funai, contrariando a Constituição, que firma ser ela dever da administração federal, que

não pode depender da decisão voluntária do responsável pelo órgão indigenista governamental.

Busca-se, neste momento, desviar a atenção da opinião pública com questões secundárias, como a destinação da Funai e a demissão de seus funcionários. A falta de explicação de uma política indigenista significa, na prática, uma conduta contra os povos indígenas. (Cimi - Conselho Indigenista Missionário, Brasília, DF)

## Tratar com profundidade as reformas na Albânia

Gostaria de expressar minhas críticas em relação às matérias acerca da "democratização da Albânia", publicadas na **Classe**, edições nº 43 e 44.

1. A chamada de capa, repetida na página 14 da edição 43 diz: "Democratização na Albânia". Podemos então concluir que o país era, antes disso, uma ditadura de direita?

2. Ainda na página 14, no item que tem o subtítulo "luta de classes", fala-se que "organizações do partido desobrigavam-se de cumprir as tarefas, evidenciando que ainda é grande o apego a velhas práticas". Gostaria de saber que velhas práticas são essas, e por que só agora foram descobertas, depois de 40 anos de revolução.

3. Na página 15, fala-se em "criação de condições dentro das empresas para o autofinanciamento, para a participação dos trabalhadores na distribuição dos excedentes do ganho do plano". O que isso quer dizer? Partici-

pação no lucro das empresas?

4. Outra confusão surge quando se diz que as empresas terão contas à parte. Quem irá controlar estas contas, a própria empresa?

5. Fiquei sem entender também por que os trabalhadores têm direito a receber até três salários mais por ano. Numa economia estabilizada e sem inflação isso não fará com que os indivíduos tenham a médio prazo uma poupança, podendo daí surgir um mercado negro, como na vizinha Iugoslávia?

6. Não entendi tampouco o que se quer dizer com "haverá uma aproximação dos preços aos valores das mercadorias". A Classe sempre noticiou que o preço das mercadorias na Albânia caía sempre, então estas quedas eram artificiais?

7. Na página 17 escreve-se, como legenda da foto: "A Europa muda, o mundo muda e é preciso acompanhá-lo". Mas acompanhar de que maneira? Nada se diz.

8. Quanto ao artigo de Fredo Ebling, publicado na edição nº 44 ele afirma que "não existe mais ligação entre as crenças religiosas e as forças reacionárias". Não se sabe se a Albânia liberou as crenças ou se liberou a instalação de igrejas no país. Acaso as forças reacionárias internacionais não iriam interferir na Albânia através da religião?

Por tudo isso acho que esse assunto deve ser tratado com a profundidade necessária. Do contrário, compromete-se a credibilidade no jornal e as mudanças ora em curso na Albânia. (Waldemir Rodrigues, Cuiabá, MT)

## Cazuza vive. Quem morre é a burguesia collarida

O artista se chama vida

A arte vive e se chama luta

O artista vive Quem morre é a podre e falida burguesia collarida

O artista vive Se chama progresso O povo nunca o esquece

Cazuza vive Quem morre é a mentira é a burguesia collarida

(Antonio S. Ortega, S. Paulo, SP)

## Por uma emissora popular de televisão por cabo

Consciente das dificuldades que o movimento popular e a esquerda enfrentam para obter espaço nos meios de comunicação de massa, estou propondo a formação de uma emissora progressista de TV a cabo, a ser constituída por uma sociedade democráticas de acionistas — entre eles sindicatos, federações, etc.

A consecução deste objetivo implica num exaustivo trabalho que precisa ser iniciado desde já, e inclui o levantamento de possíveis acionistas, um estudo sobre as condições para instalação de TVs a cabo e sobre a atuação das redes de VHF e UHF em cada município, entre outros itens.

Solicito a todos os interessados em participar do projeto que entrem em contato comigo, o mais breve possível. (Luiz Antonio Cabral, Caixa Postal 180, CEP 19.360 — Santo Anastácio -SP).

## Leitor comemora dez anos de militância comunista

Neste dia 28 de junho faz exatamente dez anos que ao sair da casa do camarada Luciano fui finalmente recrutado para as fileiras gloriosas do Partido Comunista do Brasil. Era um desejo que trazia comigo já algum tempo, motivado pelos feitos heróicos do Araguaia e pelos exemplos que pude observar de dedicação revolucionária à causa do socialismo. Muito me inspiraram a bravura e a firmeza revolucionária do camarada Alanir, que enfrentou com moral elevado os torturadores da ditadura militar: o camarada Rui Frasso; o camarada Arruda, a quem fui apresentado em 79 quando voltou do exílio, numa reunião no jornal "Movimento". Muito me inspiravam os feitos do partido na insurreição de 35 e o depoimento do camarada Amazonas a respeito de Pedro Pomar. Por tudo isso, este é que tinha que ser o meu partido, o partido de Lenin, Stalin, Amazonas, Alanir, Luciano e tantos outros.

E esta data ficará para sempre marcada em minha vida. Afinal, me disse o camarada que me recrutou, esta é a data mais importante na vida de um revolucionário. E assim tenho considerado. Nestes anos que se passaram tentei honrar a minha condição de militante do PCdoB. Cometi erros, tive incompreensões mas tenho me esforçado para avançar, para saber mais e para colocar esta compreensão a serviço do crescimento e consolidação do nosso partido.

E hoje quero reafirmar o compromisso de dez anos atrás: honrar a legenda gloriosa do PCdoB, manter bem alta a sua bandeira vermelha e ter sempre presente que o maior título que um revolucionário pode ostentar é o de ser membro do Partido Comunista. (Marcos Tenório, Cabo/PE)

## Assine já o seu jornal "A CLASSE OPERÁRIA" UM JORNAL PELO SOCIALISMO

Nome .....  
Endereço .....  
CEP ..... Cidade ..... Estado .....  
Profissão .....

### "A CLASSE OPERÁRIA" CUSTA MUITO POUCO

Assinatura trimestral: Cr\$ 300,00

Assinatura semestral: Cr\$ 600,00

Preencha hoje mesmo este cupom e envie cheque nominal à Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda.

### A Classe Operária

**Diretor e Jornalista Responsável:** João Amazonas  
**Editor:** José Reinaldo Carvalho  
**Redação:** Antonio Martins, Irasson Cordeiro Lopes e Umberto Martins  
**Diagramação e Arte:** José Luís Munuera Reyes  
**Centro de Documentação:** Joana D'arc de Sousa e Rosane Montiel  
**Administração:** Sandra Mateus  
**Secretaria:** Márcia Medeiros  
**Assinaturas:** Cláudia Medeiros  
**Fotografia:** Agência Fóton  
**Endereço:** Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - São Paulo/SP  
**Telefone:** (011) 36-7531  
**Telex:** 11-32133  
**Fax:** (011) 36-4104

**Nas capitais:** ACRE - Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone: (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS - Ladeira do Brito, 72 - fones: (082) 221-4634 e 221-4728, Maceió; AMAPÁ - Av. Antônio G. Tocantins, 47, CEP 68900, fone: (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS - Rua Luiz Antony, 762, CEP 69000, fone: (092) 232-3881, Manaus; BAHIA - Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone: (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ - Rua São Paulo, 1.037, CEP 60000, fone: (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL - HIGS 704, Bloco G, Casa 67, CEP 70302, fone: (061) 225-8202, Brasília; ESPÍRITO SANTO - Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone: (027) 222-8162, Vitória; GOIÁS - Rua Parnaíba, 355, CEP 74000, fone: (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO - Rua Desantanhina, 194, CEP 65000, fone: (098) 229.5200, São Luiz;

MATO GROSSO - Rua Comandante Costa, 548, fundos, CEP 78030, fone: (065) 321-5095, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL - Rua Rui Barbosa, 2.500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS - Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone: (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARÁ - Rua 3 de maio, 1834, CEP 66800, fone: (091) 229-5200, Belém; PARAIBA - Rua Almeida Barreto, 273, CEP 58020, fone: (083) 222-4413, João Pessoa; PARANÁ - Rua Mal. Deodoro, 1.161, Centro, fone: (041) 263-2049, Curitiba; PERNAMBUCO - Rua do Sossego, 53, CEP 50750, fone: (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ - Rua Desemb. Freitas, 1.216, CEP 64020, fone: (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO - Rua 13 de Maio, 33, 16º andar, sala 1608, CEP 20010, fone: (021) 240-5286, Rio de Janeiro; RIO GRANDE DO NORTE - Rua Prof. Zuza, 99,

CEP 59020, fone: (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL - Rua Santo Antônio, 254, CEP 90228, fone: (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA - Caixa Postal 1330, CEP 78.900, Porto Velho; RORAIMA - Rua Álvaro Maia, 165 - B. Aparecida, CEP 69300, Boa Vista; SANTA CATARINA - Rua Júlio Moura, 34, CEP 88010, fone: (0482) 22-1927, Florianópolis; SERGIPE - Rua do Lagarto, 807, CEP 49015, Aracaju.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Empresa Jornalística A Classe Operária. Composição e montagem: Compuarte - Produções Gráficas e Assessoria de Sistemas S/C Ltda. Rua Cruz e Souza, 60 - Adm. São Paulo - SP - fone: (011) 285-3669. Fotolito e impressão: Gráfica Lomas - fone: (011) 815-4999.



# Sinhá-Linda

Guimarães Rosa

Mineiro de Cordisburgo (MG), João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908 e morreu em 19 de novembro de 1967.

Foi um dos maiores ficcionistas da moderna literatura brasileira. Seu regionalismo adquiriu dimensões universais a partir de "Corpo de Baile", do qual publicamos abaixo um fragmento. Descreveu com realismo a paisagem humana e geográfica do Bra-

sil sertanejo, de onde extraiu uma linguagem inovadora, marca registrada de seus contos e romances. Guimarães Rosa não se limitou a reproduzir as falas sertanejas, antes estilizou-a, fundindo a cultura regional do sertão com a erudição e a cultura universal. Além de "Corpo de Baile", suas principais obras são "Sagarana" e "Grande Sertão: veredas", esta última um dos romances fundamentais da literatura brasileira.

E então Lélío viu, na rua, o Assis Tropeiro conversando com o pai da Moça. Naquele momento, o que ele sentiu foi quase diferente de sua vida toda. A modo precisasse de repente de se ser no pino-de bonito, de forçoso, de rico, grande demais em vantagens, mais do que um homem, da ponta do bico da bota até o tope do chapéu. Tinha vexame de tudo o que era e do que não era. Ave, na vivice do rosto daquela Mocinha, nos movimentos espertos de seu corpo, sucedia o resumo de uma lembrança sem paragens. Dava para em homem se estremecer mais uma ambição do que uma saudade. Ou, então, uma saudade gloriada, assim confusa. Se ela olhasse e mandasse, ele tinha asas, gostava de poder ir longe, até à distância do mundo, por ela estrepolir, fazer o que fosse, — guerrear, não voltar — essas ilusões. Ela tinha os cabelos quase acobreados, cortados curto, os pezinhos um pouquinho grandes, E nem o viu. A tropa saía na manhã seguinte, por Paredão, depois do Lajeado. Num pronto, Lélío disse ao Assis Tropeiro uma conversa de que podia ir junto, até à Novilha Brava, de onde se apartava e torava para o norte. Veio, mesmo.

A Moça, com o pai, o senhor Gabino, a mãe, dona Luísa, um irmão doutor e outros dois rapazes, que eram do Rio de Janeiro. Lélío estava ali para a ver, agarrar de ver, às penas que pudesse, sempre, sempre. Vê-la, e a ouvir, bas-

tava. Primeiro dia, da ponta-de-trilhos vieram até ao Lajeado. — "Será que já é o sertão? — ela queria saber. O sertão, igual ao Gerais, dobra sempre mais para diante, territórios. — "Mas já é o Sertão, sim!" — ela queria e exclamava: — "Tanto sol, tanta luz! Este céu é o da Itália..." Ela montava vestida de homem, como um menino. Às vezes dizia engraçadas palavras, se divertia a rodo, com os rapazes. Ela estava com um plastro branco na ponta de um dedo, machucado, em qualquer parte. Seu nome era que lindo por lindo, qual retina. No que não havia de ninguém ver, pois já estavam de saída, ele o escreveu, porção de vezes, nas costas das folhas das piteiras. Mas ao cavalinho pampa os nomes que dela disse foram outros: Minha-Menina, a Micinhazinha, Sinhá-Linda... E vinham na terceira etapa — do Capão-do-Barreiro — lá iam demorar o inteiro de um dia, por descanso e porque a Moça queria encontrar coisas de vista. Ela era elegante sem querer, parece que nem sabia que era. Perguntou a Lélío o nome de um passarinho: era uma maria-tola do cerrado, ele considerou decente responder uma bobagem dessa, achou melhor dizer que não sabia. Por que não tinha sido um sabiá ou um sofrê: mesmo o quem-quem — que em toda baixada de campo limpo navega, aos pares, pulando atrás dos bois? Os olhos dela brilhavam, reproduzindo folha de faca, com o al...

o riso, semelhavam a itaberaba das encostas pontilhadas de malacacheta, ao comprido do sol. Como podia se guardar tanto poder numa criaturinha tão mindinha de corpo? Aí Lélío não queria alçar o galho, nem dar-se em espetáculo; mas carecia, necessitava de servi-la, de oferecer-lhe alguma coisa. Como viu que ela desejava sempre provar das comidas e bebidas sertanejas — achara choco o chá de congonha, mas apreciava muito o de cagaiteira, que é dourado lindo e delicado e tem os suaves perfumes. No Porto-do-Cavalo, ele pensou o projeto, mal pôde dormir. Acordou antes do dia, montou e galopou meia-lé-gua, até onde estavam dizendo que se conseguia achar um doce de buriti, bom especial. Comprou, mesmo com a tigela grande — não queriam vender tigela, bonita, pintada com avoejos verdes e roxas flores. Trouxe, deu a ela, receoso, labasco, sem nenhuma palavra podida. Ela riu, provou, e sacudiu a cabecinha: disse aos rapazes que era um doce grosseiro, ruim. Nem olhara mais para Lélío. Mas ele ouviu, desriu em cara suja, e coube em si pelo resto do dia. Porém, no seguinte, na fazenda da Extrema, à tarde por um acaso ele pôde ver seus pezinhos, que ela lavava, à beira de água corrente. Demorou agudo os olhos, no susto de um roubado momento, e era como se os tivesse beijado: nunca antes soubera que pudesse haver uns pezinhos assim, bonitos alvos e rosados, aquela visão jamais esqueceria. Custou assentar cabeça. Modo outro não foram todos aqueles dias, que mudavam o estranho de sua vida, e eram dias desiguais, no riso rodante do mundo, da ponta das manhãs até ao subir extenso das noites, com o milmilhar de estrelas do sertão. E força foi que enfim ele apartasse e se despedisse, no partirem do pouso na Fazenda da Novilha Brava, depois do Ribeirão do Gado Bravo, que então ele devia beiradear, rumo das nascentes. Até que se alegrava, nem sabia exato por que, na hora de pedir adeus. Talvez pela importância de ter de ser então notado, de poder dirigir-se altamente a ela, ele risonho e perturbado, em seu cavalo de duas cores. Tanto ela sorriu, estendeu-lhe a mãozinha abreviadamente, nem macia, perguntando-lhe mesmo por que não persistia junto, até ao Paracatu. Ah, sentia, não podia... — ele produziu de responder. Nem tudo podia ser como nós queremos... Mas já ela se afastava, o amesquinhado, de certo, gracejava com um dos rapazes, por último que falou ainda se ouvia: — "...Mesmo porque, ora essa!..."

Um vivido. O resto era o que-há-de- vir. Lélío não e entristecia, sabia que nunca mais havia de encontrá-la, mas tudo de começo tinha sido mesmo sem nenhuma esperança pequena, ele não era louco, o fogo é que corre com os pés para cima. Mas também não atinava com maneira de verdade para a esquecer, por mais difícil do que matar uma palmeira ouricuri — que até cortada e caída no chão reenraiza: guarda sua água no profundo. Pensar nela deva a sobre-corage, um gole de poder de futuro. Mesmo agora, descido no comum da vida, querendo outras mulheres, de carinhos fortes; mas, depois, um instante, primeiro de dormir, pensava nela, ao arcautelado, ao leve. Pensava nela, assim só como se estivesse rezando.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois  
São Paulo, 2011

PROSA & VERSO